

Universidade Federal do Rio de Janeiro

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO IMIGRANTE PORTUGUÊS

EM ALUÍSIO AZEVEDO E INCIDÊNCIAS PERIFÉRICAS

Mário Gilberto C. Arrais

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO IMIGRANTE PORTUGUÊS
EM ALUÍSIO AZEVEDO E INCIDÊNCIAS PERIFÉRICAS

Mário Gilberto C. Arrais

Dissertação submetida ao corpo docente do Departamento de Letras Vernáculas - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto

Rio de Janeiro
2006

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO IMIGRANTE PORTUGUÊS

EM ALUÍSIO AZEVEDO E INCIDÊNCIAS PERIFÉRICAS

Mário Gilberto C. Arrais

Dissertação submetida ao corpo docente do Departamento de Letras Vernáculas - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto

Aprovada por:

Prof. Dr^a Marta Alckmin

Prof. Dr. Sérgio Martagão Gesteira

Prof.

Prof.

Rio de Janeiro
2006

FICHA CATALOGRÁFICA

ARRAIS, Mário Gilberto C.

Título: Representações literárias do imigrante português em Aluísio Azevedo e incidências periféricas.

Orientador: Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto

XI, 85 p.

Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro –

Mestrado em Literatura Brasileira

1. Imigrantes
 2. Portugueses
 3. Dissertação
- I. Título

DEDICATÓRIA

Maria Otília Carvalho Arrais, Mário Pais Arrais, Lúcia Helena Carvalho Arrais e Maria Augusta, por quem tem sentido existir.

Ana Carolina Latsch, com quem tem sentido existir.

Prof^a Gilda Santos e Prof^a Isabel Romero, para quem todos os elogios são semanticamente insuficientes.

AGRADECIMENTOS

A Godofredo de Oliveira Neto, por
toda a compreensão e incentivo sem
os quais isto não seria possível.

A Alberto Mussa pela coorientação.

RESUMO

ARRAIS, Mário Gilberto C.

ARRAIS, Mário Gilberto C. **Representações literárias do imigrante português em Aluísio Azevedo e incidências periféricas.**

Orientador: Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto. Rio de Janeiro.

UFRJ/Departamento de Letras Vernáculas – Faculdade de Letras

Esta investigação acadêmica propõe-se à identificação dos registros mais recorrentes e eventualmente paradigmáticos do imigrante português na literatura brasileira do séc. XIX, tomando por eixo as obras *O Mulato*, *O Homem*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço*, todas de Aluísio Azevedo – autor escolhido não só por utilizar diversificado e polissêmico elenco de personagens portugueses, mas sobretudo por o fazer sob o viés de uma busca precípua de verossimilhança -. O trabalho se estabelece a partir do cotejo entre o fenômeno literário e o contexto histórico, sondando a hipótese de haver nexos entre os estereótipos recorrentemente projetados no imigrante luso e suas representações literárias, notadamente a partir das referidas obras – sem, contudo, deixar de explanar de forma panorâmica diversas noções de portugueses, na referida condição de alteridade, em outros autores e épocas da literatura brasileira.

ABSTRACT

ARRAIS, Mário Gilberto C.

ARRAIS, Mário Gilberto C. **Representações literárias do imigrante português em Aluísio Azevedo e incidências periféricas.**

Orientador: Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto. Rio de Janeiro.

UFRJ/Departamento de Letras Vernáculas – Faculdade de Letras

This academic research aims at identifying the most recurrent and occasionally paradigmatic registers of the Portuguese immigrants in the Brazilian Literature of the 19th century, taking as a basis the works *O Mulato*, *O Homem*, *Casa de Pensão* and *O Cortiço*, by Aluísio Azevedo, an author, chosen not only because of using a varied and polissemic cast of characters, but especially for doing it by the slant of a prior search of verisimilitude – the paper is established starting from the comparison between the literary phenomenon and the historical context, examining the hypothesis of existing a connection between the stereotypes recurrently projected in the Lusitanian immigrants and their literary representation, using more specifically the already mentioned works, without disregarding the varied notations of the Portuguese in the referred condition of otherness, in other authors and periods of Brazilian Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Charge – Revista da Semana	16
---	----

SUMÁRIO

RESUMO	Vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	1
I – A CENA HISTÓRICA COMO PARADIGMA	4
1.1 – Pedras Portuguesas	4
1.2 – O Antilusitanismo: A construção do “outro”	8
1.3 – Tensão de Repulsão e Adesão entre Populares	15
II – AS REPRESENTAÇÕES DO “PORTUGUÊS NA LITERATURA BRASILEIRA	18
A) O português na condição do “outro”, o imigrante, o estrangeiro	18
B) Representações do Imigrante Português periféricas ao eixo do estudo (ou contextualização literária, <i>latu sensu</i>, das ocorrências) .	21
C) As Representações paradigmáticas dos personagens dos personagens portugueses na obra de Aluísio Azevedo	31
C.1 – Os tipos coadjuvantes, mas de disseminada presença	35
C.2 – As representações femininas	40
C.3 – Injúrias e aforismos sintomáticos de um imaginário popular	45
C.4 – As ambivalências do português e de Portugal	48
C.5 – A marcação dos traços culturais lusitanos mais notáveis no Brasil .	51
C.6 – As circunstâncias em que se plasmam os personagens portugueses mais intervenientes	58
CONCLUSÃO	70
BIBLIOGRAFIA	78

CALABAR

Domingos Fernandes Calabar

Eu te perdôo!

Tu não sabias

decerto o que fazias

filho cafuz

de sinhá Ângela do Arraial do Bom
Jesus.

Se tu vencesse Calabar!

Se em vez de portugueses,

- holandeses?

Ai de nós!

Ai de nós sem as coisas deliciosas

Que em nós moram:

redes,

rezas,

novenas,

procissões, -

e essa tristeza, Calabar,

e essa alegria danada, que se sente
subindo, balançando, a alma da
gente.

Calabar, tu não sentiste

Essa alegria gostosa de ser triste!

INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta uma incapacidade crônica de reconhecer sua auto-imagem, de empreender uma análise mais profícua de sua realidade étnica, sua formação cultural, bem como de sua conjuntura social. Em que pese, aqui, o pressuposto de que não se almeja uma identidade monolítica e monossêmica, não se ignora a intensíssima dinâmica histórica e social desencadeada pelo projeto coletivo, complexo e multifacetado de Brasil que só pode resultar numa conjuntura poliédrica, polissêmica, movediça e plural. Contudo, sem ignorar toda essa dinâmica sócio-cultural, observa-se que são, via de regra, instáveis e frágeis os eixos de coesão social, os elos “centrípetos” que ligam os mais diversos segmentos da sociedade brasileira em torno de uma idéia integradora de nação. Tendo havido, mesmo, nos dois séculos de autonomia, fraturas significativas sob as mais diversas motivações – raciais, regionais, etc – de que resultam maiores ou menores seqüelas.

Essa busca de uma auto-imagem especular só podia obter, portanto, um resultado caleidoscópico; apresentando tantas refrações quantas as variáveis que compõem o “corpus” social – considerando-se as componentes econômicas, étnicas, regionais e ideológicas -. Contudo, para além de toda essa diversidade e relativização há que se registrar, também, que o espelho inicial que se fragmenta caleidoscopicamente já era, desde o início, deformador, já que o povo que o mira apresenta expectativas, quase sempre, históricas, oscilando freqüentemente entre o ufanismo acrítico ou uma autocomiseração masoquista; um otimismo messiânico ou fatalismo resignado,

enfim padecendo de uma aguda incapacidade de estabelecer uma autognose sensata.

Se esse quadro, hoje, parece hegemonicamente aceito pelos estudiosos que dele se ocuparam, se parece matéria pacificada sob um estudo mais sincrônico; que se dirá de uma perspectivação que retroaja ao período imediatamente posterior à Independência! Pode-se, sem muito esforço, imaginar uma situação agudamente aflitiva de premente necessidade de coesão em torno de um “projeto – muito subjetivo ainda – de nação”. A demanda por uma “propaganda nacionalista” se impõe de forma imperiosa, bem como a difusão de um ideário brasileiro” recém saído da forja”, como o próprio emblema.

É praticamente nessa ordem de coisas que parte substancial dos escritores do séc. XIX engendrou um projeto literário de afirmação, definição ou, até denúncia da imagem de Brasil; temática, que de resto, com mais ou menos ênfase, tornou-se freqüente na produção literária brasileira de todos os tempos. Trata-se aqui do real que emerge da ficção com a matéria literária privilegiada no processo criativo, como temática de eleição, e não como mero cenário, pano de fundo, ou conjunto de códigos que atribuem inteligibilidade à obra. Em romances de fundação como *O Guarani*, ou *Iracema*, ou em uma narrativa que retrata o “*modus vivendi*”, denunciando uma ordem de valores morais, como *Memórias de um Sargento de Milícias*, além de ficções que instituem teses históricas, como *As Minas de Prata* e a *Guerra dos Mascates*, também de Alencar, ou *A Retirada da Laguna* de Taunay, bem como nas narrativas naturalistas que almejam captar e documentar uma face, um corte

espaço-temporal, do processo histórico, revela-se de forma inequívoca a intenção autoral precípua de engajar a obra literária em qualquer coisa exterior a ela, à matéria não literária.

Este trabalho tem por objetivo, precisamente, isolar, em *Aluisio Azevedo* um desses procedimentos de apropriação literária de uma determinada fenomenologia social para elevar à dimensão de estrutura ficcional: as representações literárias do imigrante português. Corroborar com essa escolha a circunstância histórica que vincula o elemento português – homem, cultura, cosmogonia, teogonia e, sobretudo, língua – à “invenção do Brasil”, seja no momento da descoberta, seja no período da Independência. Por diversas razões, o português não pode ser dissociado de ambos os episódios históricos decisivos.

Reveste-se assim de importância o estudo e, quiçá, o registro, de como a produção ficcional de Aluísio Azevedo, em sua vocação documental, apropriou-se da quase ubíqua presença de portugueses na vida urbana brasileira – sobretudo do Rio de Janeiro e, menos um pouco, de São Luis do Maranhão – e a ressignificou literariamente, já que esse procedimento revela-se, em sua obra, por uma abordagem sistemática e recorrente. Além do que, o português não constitui um imigrante qualquer; situa-se, outrossim, numa alteridade dialética que ora o identifica com o Brasil e brasileiro – quando é invocado como aquele que nos legou a língua portuguesa e uma, senão a mais abrangente, das matrizes culturais -, ora o afasta e, mesmo, o coloca no campo do antagonismo, quando se lhe atribui a responsabilidade histórica da espoliação colonial, ou o nosso suposto “atraso” cultural e/ou civilizatório.

I - A CENA HISTÓRICA COMO PARADIGMA

A iniciativa de isolar como elemento de estudo as representações literárias do imigrante português, na literatura brasileira do séc. XIX, impõe o cotejo com o dado histórico, já que será a partir deste que se poderá identificar a ressignificação literária empreendida a partir do fenômeno social focalizado pelo autor naturalista. É claro que não regem estas referências as circunstâncias sócio-culturais em que decorre a fenomenologia de que se trata, uma aspiração histórica – no sentido acadêmico do termo -, afinal, além de não ser este o propósito do estudo, não teria o seu autor a presunção de espalhar-se por outro universo teórico. A contextualização histórica, portanto, far-se-á na medida em que constitua um parâmetro dessa estrutura do real que o escritor apreendeu – ou tentou fazer – e elevou à dimensão literária.

1.1 – Pedras Portuguesas

A presença física e imaterial de portugueses na vida brasileira é quase ubíqua, de tão freqüente se dilui a ponto de se tornar, algumas vezes, imperceptível. Para além da obviedade do fundamental patrimônio lingüístico, em quase todo o resto de nosso acervo cultural imiscuem-se elementos lusos. Da Arquitetura à Gastronomia, de algum substrato poético à teogonia ... Um dos primeiros símbolos culturais brasileiros de exportação, *Carmem Miranda*, era, por exemplo, portuguesa. Verdadeiros “*ex-librii*” nacionais, como o café e a cana-de-açúcar foram trazidos para cá pelos portugueses. As cidades históricas brasileiras tombadas como patrimônio cultural pela UNESCO, ou

qualquer outro órgão, todas concebidas arquitetônica e urbanisticamente em moldes lusos, inclusive, um símbolo de segundo momento de projeção internacional de nossa cultura é marcadamente português: o calçamento com pedras portuguesas, emblema da Bossa-Nova, do cenário urbanístico em que ela foi concebida, da Zona Sul carioca. ¹As pedras portuguesas, que hoje representam pictoricamente até uma partitura musical de Noel Rosa, *Feitiço da Vila*, são a um só tempo um típico calçamento português, e produto de um ofício vincadamente lusitano à arte da Cantaria. Alúcio Azevedo registra, em *O Cortiço*, a presença dos famosos canteiros portugueses, inclusive, na figura de Jerônimo.

“(…) aí muitos portugueses trabalhavam de canteiro, ao barulho metálico do picão que fazia o granito” (AZEVEDO, Alúcio, s/data p. 49).

Mesmo no futebol, esporte que se tornou – sobretudo a partir da década de 30 – extraordinariamente popular no Brasil, transformando-se mesmo em prática (cultural) desportiva em que se imprimiu uma marca nacional distintiva, também a presença do português é significativa, por meio de uma instituição (clube) que se declara luso-brasileira – inclusive no hino – e que veio a se transformar num dos mais populares clubes brasileiros, o *Vasco da Gama*. Há que se registrar aqui uma particularidade histórica que se reveste de riquíssima

¹ A relevância desse ornamento paisagístico no cenário cultural brasileiro de então se evidencia, por exemplo, pela numerosa incidência de fotografias em capas de disco da Bossa-Nova, cenários de espetáculos, enfim, ilustrando aquela época e aquele momento musical.

significação: além de ter sido fundado por imigrantes portugueses, o Vasco da Gama também desempenhou ação decisiva na luta contra o racismo no futebol brasileiro, já que, contra a posição de todos os outros clubes cariocas, admitiu negros em sua equipe, a despeito mesmo de ter sofrido severas represálias por parte da federação de futebol. Isto evidencia a coexistência entre negros e portugueses em instâncias populares da vida urbana carioca.

Também na música popular essa “miscigenação” cultural, esse sincretismo se evidencia por elementos poéticos, harmônicos e rítmicos lusitanos, presentes no samba ou no chorinho. A esse respeito diz Alberto Mussa, sobre a origem, por exemplo, do samba:

“Um bom exemplo é o próprio Samba: a base rítmica é a sincopa (típica da música africana), a escala melódica é a heptatônica (raríssimas na África negra) e o padrão estrófico usual é a quadra de versos redondilhos com rimas soantes – característica da poesia popular portuguesa”.

Se é legítimo isolar as componentes constitutivas de um fenômeno cultural para estabelecer sua origem, temos bons motivos para afirmar que o samba é português.” (MUSSA, Alberto. 2005, p. 210).

Este instigante ensaio de Alberto Mussa, de que esta citação é exemplo, dá conta de dois conceitos extraordinariamente relevantes e contíguos: a afirmação de uma lusitanidade na gênese musical brasileira, e também a impossibilidade de isolá-la como elemento constituinte do samba contemporâneo, por já se ter amalgamado e reelaborado, fundindo-se absolutamente a outros elementos matriciais – também indistintos – num novo

e uno produto cultural. O ensaio utiliza a oportuna alegoria da “*Sopa de entulho*” passada no liquidificador, na qual os ingredientes não podem mais ser isolados.

Este sub-capítulo também não postula qualquer elisão dos elementos portugueses (materiais ou imateriais) do processo cultural e histórico em que já se encontram fundidos, mas intenta apenas, fazer-lhes menção, registrando o seu ingresso no tal liquidificador.

“Os POVOS-NOVOS, dentre os quais se inclui o Brasil, originaram-se da conjunção de matrizes étnicas diferenciadas como o colonizador ibérico, indígenas de nível tribal e escravos africanos, imposta por empreendimentos coloniais – escravistas, seguida da deculturação destas matrizes, do caldeamento racial de seus contingentes e de sua aculturação no corpo de novas etnias. Sua característica distintiva é a de *species-novae* no plano étnico, já não indígena, nem africana, nem européia, mas inteiramente distinta de todas elas.”
(RIBEIRO, Darcy. 1985, p. 70)

Darcy Ribeiro, portanto, ratifica também a concepção de uma cultura brasileira construída por diversos contributos culturais legados por diferentes matrizes étnicas, entretanto una e, por meio de um reprocessamento dinâmico e imparável desses elementos; novamente original e, sobretudo, genuína. Poder-se-iam identificar aqui pontos de contato com o ideário do *Movimento Antropofágico*.

A propósito, ainda, dessa fusão de elementos no “*caldeamento*” da dinâmica cultural brasileira, Rowland, em artigo muito referido por esta dissertação, apresenta interessante convergência:

“ (...) a cultura brasileira acabou por constituir-se como síntese (síntese e não apenas combinação) de diversos elementos: dos elementos portugueses, africanos e ameríndios, herdados do período colonial (...). Os elementos que acabam por integrar essa síntese, e em primeiro lugar os que foram herdados da cultura portuguesa, deixaram de estar associados às suas culturas de origem, e tornam-se no sentido pleno do termo elementos da cultura brasileira homogeneizada pelos meios de comunicação social (...).” (ROWLAND, Robert. 2000, p. 19)

1.2 – O Antilusitanismo: A construção do “outro”

A consumação do processo de independência instituiu no Brasil, como só poderia ser, circunstâncias políticas, econômicas e, sobretudo, ideológicas muito complexas e movediças. Impôs-se, como é óbvio, uma premente demanda por uma concepção de nacionalidade, de identidade pátria, que pudesse ser aceita por parte hegemônica da sociedade. É também natural que se constate que essa lacuna, esse vácuo conceitual, promovesse intensíssimas disputas entre as mais diversas oligarquias, entre os diferentes segmentos das elites da época por afirmação no novo cenário. Neste contexto, a difusão, portanto, de “propagandas ideológicas”, foi muito fecunda; forjavam-se a um só tempo, e por meio de um confronto entre opostos, os conceitos de “brasileiro” e “não brasileiro” (estrangeiro).

Contudo a carga semântica desses verbetes se enriquecia ou estreitava muito ao sabor dos casuísmos políticos da ocasião. Brasileiro, por exemplo, nem sempre representou uma circunstância de naturalidade de

alguém: no primeiro momento da autonomia política, brasileiro era aquele que alinhavava com o ideário da independência, tendo nascido onde quer que fosse. Logo, por espelhamento, estrangeiro também constituía, no mesmo período, uma categoria “volátil”, mas que, de forma bastante genérica, representava, no mínimo, alguém alheio aos esforços de independência que não, aí sim, tivesse nascido cá.

“Tornava-se bastante difícil, portanto, definir os critérios de uma nacionalidade brasileira. É certo que foi a partir do movimento constitucional de 1821 que os vocábulos nação e pátria adquiriram uma nova dimensão.” (NEVES, Lúcia M. Bastos P. 1996, p. 23)

Imperava, portanto, uma expectativa, relativamente ansiosa, de uma legitimação discursiva de toda a empreitada política e das instâncias e estruturas – bem como intervenientes – que dela faziam parte. Entretanto, não se pode tender a uma interpretação redutora de que todos os brasileiros pugnavam pela independência, ou de que todos os portugueses rogavam pela manutenção do “status quo” colonial.

“O modo em que a questão fora colocada traduziu-se, inevitavelmente, numa essencialização de ‘brasileiros’ e ‘portugueses’, como se a independência tivesse sido o resultado de um conflito entre uns e outros. Mas em 1822 não havia, no Brasil, nem, ‘brasileiros’ nem ‘portugueses’: foi no contexto dos conflitos que ocorreram durante o processo de independência, e de maneira fluída e pouco linear, que a pertença a uma ou a outra (...) começou a ser reivindicada.” (ROWLAND, Robert. 2000, p. 9)

Houve, porém, ocasião em que o maniqueísmo fazia-se oportuno, em que a “invenção de um inimigo” canalizava as insatisfações e frustrações que a população experimentava no curso do processo. Nesse momento o português é, por razões óbvias, a carnação mais oportuna e visível desse “outro”. Em que pese, também o fato de que significativos fatores da economia brasileira, sobretudo da primeira metade do séc. XIX, serem praticamente monopolizados por portugueses, o que também corroborava para os colocar ainda em mais evidência diante das insatisfações sociais. Ocorre que alguns desses homens de negócios lusitanos locupletavam-se de vantagens, sobretudo comerciais, decorrentes precisamente da Independência, e por isso eram com esta identificados.

Forjou-se mesmo um interessante rótulo para esses portugueses: “o bom português”, o amigo da causa brasileira. Isto, por si só, evidencia a volatilidade dessas categorias. Este não foi, no entanto, o tratamento mais freqüentemente atribuído ao português, que progressivamente assumiu o papel de *imigrante*, na medida da afirmação do Brasil como país autônomo. O português, portanto, passava à condição de estrangeiro e, logo, aquele que vinha de um “outro” país. Mas aqui ainda estamos tratando hegemonicamente de um imigrante letrado, que se dirige a uma colocação no comércio – normalmente por convite ou acerto familiar prévio -, no centro urbano. Os diversos caixeiros portugueses da obra *O Mulato*, ou mesmo de *Casa de Pensão*, ilustram bem esse fenômeno.

Concomitantemente, por todas as partes do país, as hostilidades agravavam-se. Ao português capitalista projetava-se o “dolo” de uma prática de espoliação das riquezas nacionais e exploração do povo por práticas comerciais consideradas lesivas, e a tendência à generalização, sendo redutora, convinha na manipulação dos anseios e expectativas de segmentos populacionais mais humildes.

“Nos conflitos que se seguiram a Independência, os mercadores e proprietários portugueses, em particular os que se encontravam mais ligados ao comércio com a metrópole, foram alvo sistemático de hostilidade expressa nesses termos e veiculada por aqueles – alguns nascidos no Brasil, outros em Portugal – que se identificavam com a Independência” (ROWLAND, Robert. 2000, p. 11)

O processo da imigração portuguesa, outrossim, tornou-se efetivamente complexo a partir de 1850, foi aí que o fenômeno assumiu uma dimensão de massa, não só pelo expressivo número de indivíduos, mas pela diversidade de suas condições econômicas e educacionais. Aqui, o perfil do imigrante altera-se: para além dos “caixeiros” letrados e com emprego “combinado”, vêm também pessoas, em número expressivo, para trabalhos subalternos, até ali desenvolvidos por mão de obra escrava. Houve, mesmo, casos de portugueses que vieram por esquemas que lhe financiavam a passagem em troca de longos períodos de trabalho semi-escravo – em atividade rural -. Esses imigrantes eram chamados de engajados e ladeavam em trabalho e condições de vida com os escravos.

“A vida desses portugueses não diferia muito da dos cativos. A começar pelo fato de muitos traficantes de escravos dedicarem-se a transportá-los utilizando antigos navios

negreiros e temíveis fatores para manter a disciplina durante a viagem. O endividamento dos ‘engajados’, (...), facultava aos donos dos navios, ao chegarem ao Brasil, o direito de colocá-los em leilão ...” (VENANCIO, Renato Pinto. 2000, p. 63)

Também por isso as tensões sociais decorrentes da inserção do imigrante português na vida social brasileira se acirraram, já que eles passaram, assim, a disputar um escassíssimo mercado de trabalho. Acabaram, por razões alheias às suas iniciativas, sendo beneficiados pelo racismo vigente que os preferia em detrimento dos negros. Ou seja, se os portugueses ricos eram hostilizados por explorarem; os portugueses explorados, por sua vez, eram hostilizados pela primazia nesta ultrajante condição.

Nessa altura, o antilusitanismo já se tinha tornado efetivamente sistemático, assumindo mesmo a dimensão de um movimento. Foi criado um jornal, *O Jacobino*, para difundir o ódio aos lusos, aos quais eram atribuídos o atraso e a pobreza nacionais. Porém o fenômeno histórico nunca é monolítico, e este foi intensamente polissêmico, ambivalente e complexo, se por um lado, parte da elite considerava oportuno que as insatisfações populares se canalizassem para o antilusitanismo, também temia que isso tendesse a questões raciais em que, por adesão, se estendesse a toda elite branca, bem como, preferia o trabalho europeu à mão-de-obra (ex) escrava – por racismo, fundamentalmente. Houve também, gestos de reação às hostilidades, contudo insipiente. Alguma intelectualidade, em que pontificou, por exemplo, João do Rio, algumas organizações culturais e comerciais de portugueses, bem como,

alguns esforços em obras assistenciais lusitanas intentaram reverter o movimento ideológico de perseguição aos lusitanos.

Houve mesmo muitas incidências em que essas tensões chegaram, mesmo, às “vias de fato”. Em algumas cidades brasileiras ocorreram incidências de “uma espécie de linchamento” popularmente chamado de “*Mata Galegos*”:

“(…) dando origem, após a proclamação da República, em 1889 (...) a levantes antilusitanos, que receberam o sintomático nome de mata-galego.” (VENANCIO, Renato Pinto. 2000, p. 63)

A propósito é muito “curiosa” essa pecha de “Galego” perpetrada contra portugueses, duplamente ofensivo, já que para além do insulto, ainda, mistura o português com o espanhol, com quem se estabelece aquela típica rivalidade entre íntimos, Luiz Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux, num capítulo da *História da Vida Privada no Brasil* referem uma tese muito verossímil:

“No início, é provável que o substantivo *Galego* tenha sido usado pejorativamente pelos próprios comerciantes lusitanos para designar os proprietários portugueses entregues a tarefas similares às dos verdadeiros galegos, emigrados da Galícia, na cidade de Lisboa.” (*História da Vida Privada*, p. 311)

Disseminam-se pela cultura popular, diversos exemplos dessa marca pejorativa com que os portugueses eram – ou são – referidos. O próximo capítulo, inclusive, faz menção a algumas incidências episódicas desse

fenômeno, produto desse imaginário popular ao mencionar ocorrência social, portanto, absolutamente disseminada na vida urbana carioca. Vale citar, ilustrativamente, uma canção, que na interpretação de Zezé Mota, fez significativo sucesso na década de 80 (do séc. XX, naturalmente), a qual se situa numa interessante interseção temática deste trabalho: seu título é Rita Baiana e registra uma versão bem popular de referência ao imigrante português, incidindo num recorrente estereótipo.

“Rita Baiana”.

Olha meu nêgo quero te dizer
O que me faz viver
O que quase me mata de emoção
É uma coisa que me deixa louca
Que me enche a boca
Que me incendeia o coração
Quem sabe um bruxo
Me fez despacho
Porque eu não posso sossegar o facho
É sempre assim
Ai essa coisa que me desatina
Me enlouquece, me domina
Me tortura e me alucina
Olha meu nêgo
Isso não dá sossego
E se não tem chamego
Eu me devoro toda de paixão
Acho que é o clima feiticeiro
O Rio de Janeiro que me atormenta
O coração
Eu nem consigo nem pensar direito
Com essa paixão batendo no meu peito

Ai essa coisa que me desatina
 E me dá uma vontade, uma gana
 Dá uma saudade da cama dá
 Quando a danada me chama
 Maldita de Rita Baiana
 No outro dia o português lá da Gambôa
 O Epitácio da Pessoa
 Assim atoa (sic) se engraçou e disse:
 - O Rita rapariga eu te daria 100 miréis
 Por teu amor
 Eu disse, vê se te enxerga seu galego
 De uma figa
 Se eu quisesse vida fácil
 Punha a casa do Estácio
 P'ra Barão e Senador
 Mas não vendo o meu amor
 Há, Há isso é que não. (...)”(NESCHLING John / CARNEIRO
 Geraldo - CD Zezé Mota)

1.3- Tensão de repulsão e adesão entre populares

A coexistência entre imigrantes portugueses e brasileiros desvalidos consumou-se sob uma complexa tensão dialética. O português imiscuído nos cortiços constituía um concorrente (privilegiado pela cor e pela ambivalente origem europeia) no mercado de trabalho – registre-se aqui, via de regra, de subempregos – sendo, por isso, alvo freqüente de hostilidades e preconceitos. Instaura, aqui, uma interessante situação: sua presença era tolerada como um fato social consumado de forma secular, mas à menor motivação, crispavam-se as distinções culturais – referindo-nos às manifestações mais populares – foram notáveis. A festa da Penha, de importância sempre relevante no cenário da música carioca, foi disso interessante exemplo. Inicialmente tomada por

uma festa portuguesa, como quase todas as outras que pontuavam o calendário brasileiro de folgedos, caracterizava-se pela música e a coreografia, portanto, lusitanas. Contudo, os ritmos brasileiros foram progressivamente se afirmando, mas sem conflitos e tensões:

“Ocorre que os portugueses, antes donos da festa, não se conformavam com o fato e tratava-se, então, uma série de conflitos onde as duas partes se desafiavam em atos e palavras. O fato é ilustrado por uma charge da época, onde um português enfrenta um mulato na Penha. O primeiro diz: ‘Ô manduca, guarda o pandeiro!’ Ao que o mulato replica: ‘E, você, meta sua viola no saco!’ (VELLOSO, Mônica Pimenta. 1998 p. 20)



Fig. 1 – Revista da Semana, 13 out. 1907 (BN)

Entretanto, impuseram-se circunstâncias políticas que, por atingirem as camadas populares como um todo, colocaram esses lusitanos pobres ao lado dos brasileiros. As insatisfações sociais que produziram a revolta da vacina, no Rio de Janeiro, por exemplo, impuseram a adesão entre portugueses e brasileiros por uma circunstância superior às suas diferenças nacionais: a condição (ou a falta) de vida.

“É importante a referência à cumplicidade entre os comerciantes portugueses e os rebelados – outra inversão intrigante de situações, se considerarmos o secular antilusitanismo da população carioca”. (BENCHIMOL, Jayme. 1984, p.)

II - AS REPRESENTAÇÕES DO “PORTUGUÊS” NA LITERATURA BRASILEIRA

A) O português na condição do “outro”, o imigrante, o estrangeiro.

A análise do elenco de personagens portugueses na literatura brasileira do séc. XIX, bem como de qualquer outro período, demanda a imprescindível projeção no contexto histórico em que se processa, já que os seus significados são modelados pela inserção no caudal da história.

Se nos propusermos a tão somente catalogar as representações dos personagens portugueses, põe-se logo em evidência um vasto conjunto de produções literárias que, sobretudo no séc XIX. , mas não só, trouxeram os portugueses à condição de personagens com destacada presença. Mesmo nos séculos anteriores essa presença plasmava-se tão naturalmente nos textos, que nem sempre se fazia distinguir; ou, melhor definindo, sob a perspectiva que orientará este estudo, não se destacava como a representação do estrangeiro.

Foi assim em *O Caramuru*, de Frei José de Santa Rita Durão, *O Uruguai* de Basílio da Gama, além de numerosíssimas referências dispersas pela produção poética de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga (notadamente em *Cartas Chilenas*), e no especial caso de Gregório de Matos. “Que os brasileiros são bestas e estão a trabalhar toda a vida por manterem maganos de Portugal”. (MARTINS, Wilson. 1978, p. 170)

Contudo não é desta acepção literária do português que este trabalho se propõe estudar, aqui a circunstância de ser português e brasileiro

circunscreve-se à condição de cada ente dentro das estruturas com que se ligam colônia e metrópole.

A corrosiva verve de Gregório de Matos, iconoclasta, satiriza todas as instâncias sociais, a elite reinante, econômica; contudo apesar da menção aos “maganos” e “reinois”, trata-se de críticas que incidem sobre aquela elite, aquele estado de coisas, mas circunscritas àquela noção de Estado, sem enunciar qualquer aspiração à autonomia. Em que se pese, inclusive, que este estudo incide sobre personagens ficcionais, que não figuram na poética de Gregório.

Ainda no século XVIII, há uma muito significativa evidência dessa noção de Brasil como parte do Império Lusitano, mesmo que demarcado em suas especialidades. Trata-se d’*O Caramuru*, do supra citado Frei José de Santa Rita Durão, que se propõe a uma epopéia nos moldes camonianos, sem no entanto recorrer ao arcabouço da mitologia “pagã” (propósito explícito do poeta), empreendendo a narrativa das ações colonizadoras na Bahia, tendo como protagonista Diogo Álvares, que nas palavras de Alfredo Bosi

“é misto de colono português e missionário jesuíta, síntese que não convence os conhecedores da história, mas que dá a medida justa dos valores de Frei José de Santa Rita Durão”.
(BOSI, Alfredo. s/data, p. 77).

A tônica das referências ao Brasil e a Portugal, em que se pese ser esta uma obra de feição intensamente nativista, pode se observar em versos como estes:

Triunfou Portugal, mas, castigado,
teve em tal permissão severo ensino
que só se logrará feliz reinado,
honrando os reis da terra ao Rei Divino:
e que o Brasil aos lusos confiado
será cumprido os fins de alto destino,
instrumento talvez neste hemisfério
de recobrar no mundo o antigo império
(DURÃO, José de Santa Rita. 1781, p. 278)

Há aqui explícita e inequívoca menção ao Brasil como componente, notadamente particularizado, do império luso. O que, por constituir a mentalidade mais disseminada naquele contexto cultural, ilustra sobejamente as concepções de historiadores e antropólogos contemporâneos de que não havia a noção de “Português” ou “brasileiro” como categorias nacionais, a não ser por uma situação circunstancial de nascer cá ou lá, ou ainda por ocorrência mais eventual de radicar-se cá ou lá.

No segundo quartel do séc XIX, contudo, sob a tensão social do processo de independência em curso, impõem-se as circunstâncias históricas para que se estabeleçam essas categorias de nacionais e estrangeiros. Havendo mesmo nesse período numerosos romances protagonizados por portugueses, de que são exemplos: *O Guarani* (1857), *As Minas de Prata* (1862), *Iracema* (1865), *A Guerra dos Mascates* (1871), *Ubirajara* (1874) de José de Alencar, que apresentam vasto e polissêmico elenco de portugueses com proeminente inserção nos enredos, se não os protagonizando. Há que se mencionar também *Memórias de um sargento de Milícias* (publicado de junho de 1852 a julho de 1853 no *Correio Mercantil*), de Manuel Antônio de Almeida,

em cujo enredo nos é apresentada rica galeria de tipos portugueses, além de seus hábitos, costumes e vocação musical – já que são freqüentes as referências à música nas festas e folgedos importada e/ou imiscuída no caldeirão cultural – compondo o cenário social do Rio de Janeiro do tempo de D. João VI.

Embora se tratando de um acervo riquíssimo de tipos e categorizações de portugueses, carregada de significados de projeção ideológica, expostos dialeticamente como etnia fundadora, com heroísmo e têmpera do descobridor, e simultaneamente como usurpador, ganancioso e violento; o português representado nesse conjunto de obras não constitui o objeto deste estudo, já que, via de regra, as narrativas de Alencar e Manuel Antônio de Almeida que apresentam personagens portugueses com alguma expressão remontam a um período histórico anterior à Independência. Não eleva, portanto, esse português à condição rigorosa de estrangeiro (pelo menos na acepção de nacionalidade), não se situa no lugar do “outro”, que é, em última análise, a situação de que este estudo quer investigar as representações.

B) Representações do Imigrante Português, periféricas ao eixo do estudo (ou contextualização literária, *latu senso*, das ocorrências)

O português posto nesta esfera da alteridade figura com expressividade, notadamente, a partir do Realismo/Naturalismo, em que, para além de Aluisio Azevedo que, por razões oportunamente apresentadas, constituirá o eixo deste estudo, é também tomado como personagem por

Machado de Assis (neste de forma assistemática e eventual), bem como por Adolfo Caminha, no *Bom Crioulo* (1895).

“(…) em *O Bom Crioulo*, os portugueses com a sua reputação venal são instrumentos convenientes que intensificam o conflito dando lugar enfim ao crime de paixão em que Aleixo, já seduzido pela lasciva portuguesa Carolina é assassinado brutalmente (...)” (VIEIRA, Nelson H. 1991, p. 119)

O fragmento do panorâmico trabalho de Néelson H. Vieira faz menção a uma generalização muito recorrentemente utilizada para representar o imigrante português que subfaz por toda a narrativa, e é recorrente em outras obras e autores coetâneos. Nesta obra contudo emerge a figura de uma portuguesa brutalmente lasciva, que constituirá uma representação pouco freqüente da mulher portuguesa que se prostitui; em que pese que em matéria de lascividade a Maria das Hortaliças foi um soberbo exemplar, contudo esta não se prostituiu aqui no “país de acolhimento”. Num cotejamento com estudos históricos sobre imigração portuguesa no último quartel do séc XIX, nota-se, porém, que o fenômeno não era tão insignificante, já que para além das conhecidas “polaquinhas”, “francesas”, e outras, figuravam também as “ilhoas”, ainda que tenham constituído parte minoritária do conjunto de imigrantes.

“Para além dos comerciantes e caixeiros, na segunda metade do séc XIX começaram a ser tipicamente portuguesas atividades como a dos carroceiros e estivadores, muitos dos vendedores ambulantes, e parte da prostituição. “As Ilhoas” (ROWLAND, Robert. 2000 p. 14).

A incidência de uma personagem como *Carolina*, surgida num dos emblemáticos romances naturalistas, faz-se sob uma clara ambivalência que, ademais, era também da própria escola literária: conquanto *Carolina* se constituía como uma personagem lastreada por uma circunstância social verificável, o que resultava de uma estrita verossimilhança”. (Objetivo precípua do autor e do movimento ao qual estava filiado ainda assim resvala para o estereótipo deformador, já que é posta na narrativa como tipo paradigmático que subentende uma generalidade, mas representa incidência histórica minoritária; bem como esvazia-se de força individualizadora por recair num clichê):

- Pr´aí, meu jasmim de estufa, pr´aí! vais
conhecer uma portuguesa velha de sangue quente.
(...) aparecia-lhe agora como um animal formidável,
cheio de sensualidade, como uma vaca
de campo extraordinariamente excitada (...)
A mulher só faltava urrar! (CAMINHA, Adolfo. 1956, p118 e
120)

Em Machado de Assis, coetâneo de Adolfo Caminha e Aluisio Azevedo e afeito ao Realismo, contudo as personagens portuguesas são incidentais e esporádicas; e quando as há, não recaem em estereótipos previsíveis conquanto também não tenham estatuto de protagonistas. Há referências muito eventuais a comerciantes ricos que orbitam na alta burguesia e são referidos como distintos e afáveis, como ocorre nos círculos de amigos do conselheiro Aires, por exemplo, e pouco mais. Há, contudo, uma passagem sutil em *Brás Cubas* que nos parece digna de nota, para um autor que tão freqüentemente irreleva a questão da nacionalidade ao apresentar seu elenco de personagens.

“Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor.

Nasci, recebeu-me nos braços a Pascoela, insigne parteira minhota, que se gabava de ter aberto a porta do mundo a uma geração inteira de fidalgos". (ASSIS, Machado de. 2002, p.31)

Interessante menção a uma “insigne” parteira portuguesa, não só pela raridade da referência ao português como imigrante tão demarcado, mas por se tratar de ofício, para dizer o mínimo, pouco usual. Não são desprezíveis, nesta questão, dois índices biográficos de extraordinária relevância para o autor: sua mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis, era portuguesa – de ofício, lavadeira; sua esposa, Carolina Novais, também portuguesa.

No entanto essa isenção machadiana, para a qual figuravam indistintos portugueses e brasileiros, plasmados que estavam no mesmo tecido urbano, não representava a tônica do cenário cultural finissecular, sobretudo no Rio de Janeiro. As tensões insufladas pelo antilusitanismo, pelo panfleto *O Jacobino*, bem como pela xenofobia disseminada pelo senso comum contaminaram intensamente a produção literária de então, provocando veementes vilipêndios aos portugueses, e até defesas comovidas – estas, como é de se imaginar, menos freqüentes. Raul Pompéia, outro expoente literário, da época, de controversa aproximação como o Realismo, crítico acérrimo e virulento da Monarquia e por extensão de todo aquele “status quo”, estendeu vilipêndios também aos imigrantes portugueses do seio de sua identificação com o *Jacobinismo*.

Houve, portanto, manifestações de reações a esse antilusitanismo, as quais evidenciavam a feição polêmica e controversa da *inteligência* brasileira de então. Também esta interpretação ideológica do fenômeno da imigração portuguesa resultou em representações literárias. João do Rio, que se

notabilizou por uma pintura muito original do cenário carioca destacando-lhe os matizes de uma insipiente Belle époque, em sua atividade jornalística contrapôs-se com freqüência ao que julgava perseguição aos portugueses.

“Constantemente Paulo Barreto (João do Rio), tido por Lusófilo, vinha a público denunciar a perseguição ao português e defender os imigrantes, especialmente os lusos, considerando-os fator importante para a construção da verdadeira nacionalidade”. (RIBEIRO, Gladis Sabina. 1920, p. 149)

Também na sua produção literária o autor mencionou a presença de portugueses. *N´A Alma Encantadora das Ruas*, por exemplo, o autor tece, com sua singularidade, um sensível, minucioso e rico quadro da urbanidade dinâmica e mutável do Rio de então. Nessa obra, como em outras do autor, figuram portugueses, como, aliás, seria de se esperar, sendo os portugueses segmento numeroso da população, figurando com naturalidade naquele espaço urbano.

“Nas mesmas condições está o Miguel de Brito. Apesar de português, foi inferior no exército. Quando deu baixa, comprou um gramofone para ganhar, como dizia, a vida na roça”. Partiu para o Rio Bonito, alugou um salão e estava exatamente pregando um cartaz à porta, quando ouviu na casa fronteira tocar um gramofone muito mais aperfeiçoado do que o seu”. (DO RIO, João. 2000, p. 67/68)

Há nas numerosas referências a portugueses, que o insigne Voyeur registra, particularidades notáveis, se projetadas naquele contexto cultural. Os portugueses figuram aqui com suas individualidades resguardadas, não são plasmados em estereótipos redutores tão em voga, ao invés disso, aparecem

em ofícios e situações bem variadas, como de resto, figuravam então, a considerarem-se os estudos históricos, já mencionados neste trabalho, que dão conta de uma diversidade acentuada na situação social e na condição cultural, sob as quais se inseriu o português na vida urbana.

“- Donde é você?

- Saberá V. S^a. que do Douro, sim senhor.

Falava de joelhos, a sorrir para mim; pobre alma ingênua e pura da aldeia, pobre alma que ia putrefar na grande cidade, único coração que adorava Deus entre as dez mil pessoas vistas por mim (...)

E continuou – ó cousa incrível! – de joelhos, voltado para Deus, lembrando a sua aldeia, lembrando os paizinhos, pedindo o bem – enquanto pela cidade inteira as ceatas e as pândegas desencadeavam os ímpetos desçaçaimados”. (DO RIO, João. p. 88)

Outro cronista atento e crítico – quase iconoclasta – da vida urbana foi Lima Barreto, mas foi, sobretudo, escritor destacado e como tal elevou a cidade do Rio de Janeiro a cenário de quase todas as suas narrativas. (No romance, com exceção apenas para *Os Bruzundangas*, e alguns dos contos). Nessas narrativas ambientadas no Rio ², emergem aqui e ali personagens portugueses, imiscuídos na vida social, via de regra nos papéis do costume: donos de botequins, proprietários de cortiços, burros sem rabo, ricos e

² “num processo intensíssimo de ebulição e transformações profundas, - a revolução urbana do ‘bota abaixo’ empreendida por Ferreira Passos – é bom que se registre o avanço para o subúrbio e o surgimento da favela resultantes das políticas de exclusão, e eugenia perpetradas contra as camadas sociais e os levantes sociais disso decorrentes – Rev. da Vacina e Chibata, por exemplo”

gananciosos comerciantes, enfim, os tipos mais recorrentes, e, é bom que se diga, verossímeis senão para a totalidade, mas em relação a uma grande parte daquele contingente mais visivelmente identificado nas ruas. Contudo na obra romanesca não se eleva nenhum personagem com relevo que justifique atenção deste trabalho. Há, contudo, entre os contos do autor a notável incidência de dois personagens portugueses repletos de significações. Trata-se de *Um Especialista* protagonizado por dois portugueses, um dos quais inscreve-se no “lugar comum” da adoração quase étnica ou indômita pela *Mulata*, clichê vastísimamente disseminado inclusive na música popular.

“O comendador era português, tinha seus cinqüenta anos, e viera para o Rio aos vinte e quatro, tendo estado antes seis no Recife”.

O seu amigo, o coronel Carvalho, também era português, viera, porém, aos sete para o Brasil, havendo sido no interior, logo ao chegar, caixeiro de vendas, feitor e administrador de fazenda (...) Era um plácido burguês, gordo, ventrudo, cheio de brilhantes (...)

Gostava das mulheres de cor e as procurava com afincos e ardor de um amator de raridades. (...) joeirando-as com olhos chispanes de lubricidade (...)” (BARRETO, Lima. 1956, p. 116)

Lima constrói um tipo que, se recai em notações bem catalogadas, quer pela pecha de burguês *nouveau riche*, que ostenta e sem sofisticação, quer pela “nada inusitada” fixação erótica pela mulata; ainda sim tem o seu “quê” de registro histórico. Já que a trajetória do comendador e do coronel, sobretudo a ascensão social de ambos, constituem exemplos verossímeis de uma parcela bem sucedida dos imigrados para o Brasil na última metade do

séc XIX que, se não constituíram o segmento hegemônico, também não foram tão poucos que não se tornassem notáveis e significativos, como registra artigo de Robert Rowland:

“(...) portuguesa era uma parte muito significativa da elite comercial e financeira, portugueses eram em 1895 os proprietários de 56% dos cortiços no centro da cidade, portuguesas eram as principais fábricas de indústria têxtil, e portuguesa era boa parte da mão-de-obra não qualificada que viera substituir o trabalho escravo na economia da cidade. (...)”(ROWLAND, Robert, 2000, p. 8)

O conto, que progressivamente assume dramaticidade culminando na abordagem de tema polêmico e delicado, apresenta, inicialmente, situações que parecem ensejar, no entanto, uma crônica de costumes leve e satírica.

“- A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria requieme acre e capitoso que nós os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos, a procurar”.
(BARRETO, Lima, 1990, p. 117)

No séc XX, do Modernismo até a contemporaneidade, registram-se ocorrências interessantes, variadas, polissêmicas, ora tendendo aos clichês, como na revisão do Nativismo empreendida pelos modernistas de 22, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, e principalmente Oswald e Mário de Andrade em cujas obras poéticas o português é referido por seu papel de descobridor, colonizador/explorador, ou como em personagens como Alexandre, d’*O Moleque Ricardo* (José Lins do Rego), padeiro “grosseirão”, ganancioso, patrão do protagonista e personagem síntese de toda a iniquidade social, ou ainda em

casos, menos freqüentes, de personagens intelectualizadas e intervenientes como Maria Manuela de *Farda*, *Fardão*, *Camisola de Dormir* de Jorge Amado, redimindo o estigma de representações da mulher portuguesa mais recorrentes.

“Depois o fado do galego enchia tudo de nostalgia. Daquele peito cabeludo brotava uma música de entristecer, um canto depenado e infeliz. Aquilo era mentira ou era saudade mesmo? Um bicho tão forte, de toitiço de boi com aquele lamento de quem perdeu a esperança, o amor, a terra”. (REGO, José Lins do. 1993, p. 38)

Há aqui representação quase naturalista, por animalizar, brutalizar o português, estranhando que a saudade brote em peito tão desumano. Essa notação caracteriza o personagem estendendo-se a sua família, incorrendo, portanto, num tipo congelado desde *Memórias de um sargento de Milícias*.

“Filha de ministro de Salazar, nora do maior banqueiro do país, esposa do conselheiro da embaixada de Portugal, encontrava-se em situação privilegiada para combater o fascismo: dentro do covil do inimigo”. (AMADO, Jorge. 1980, p.142)

“Afrânio Portela olha absorto para a mulher sentada diante dele: distinção, finura e elegância, endeusada pela crônica social, rainha nos salões da sociedade carioca”. (AMADO, Jorge. 1980, p.143)

Rara representação de personagem portuguesa, sobretudo feminina ³, com graça, beleza, sofisticação, altivez nos salões, enfim com brilho. Essa escassez de representações femininas dotadas de graça e inteligência,

naturalmente entre o elenco de personagens portuguesas, não era proporcionalmente verossímil se cotejado com o dado histórico, já que houve, sobretudo nas primeiras décadas do séc XX, um grande número de intelectuais, profissionais liberais, professores, bem como de cidadãos notáveis, mesmo sem formação, como se registra num interessante e assumidamente “impressionista” artigo de Antônio Cândido intitulado *Os portugueses no Brasil*. A propósito, essa desproporção, entendida intrinsecamente à galeria de representações literárias de mulheres portuguesas, constituiu um inequívoco sintoma do preconceito, ou no mínimo na prevenção, na generalização redutora.

É imperativo aqui, que se faça um registro que constitua um viés que demarque duas grandes e largas acepções de Portugal e dos portugueses: o português radicado no Brasil, ou seja, na condição de imigrante que se integra à vida social daqui e, os portugueses entendidos como povo e Portugal, como nação. Aos últimos a literatura brasileira, tanto na produção poética quanto na ficcional, foi quase sempre muito afetuosa, grata pelo legado cultural, colocando-se por vezes até como netinha de um “avozinho vetusto e bonachão”, como se pode exemplificar com uma crônica de Vinícius de Moraes, intitulada, *Obrigado Portugal!* (Poesia Completa e Prosa, p. 655)

Entretanto, a menção a essas notações de portugueses na literatura brasileira do séc. XX, que são numerosíssimas, quer na produção poética de praticamente todos os autores do cânone, como em não raras incidências

³ “Já que homens portugueses atraentes não são de tão escassas aparições, vide Jerônimo (d’*O Cortiço*) ou mesmo Luiz (d’*O Homem*) ambas de Aluizio de Azevedo”

romanescas, como em obras de fundação ⁴, como *Pedra do Reino* de Ariano Suassuna, ou *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, ou mesmo em narrativas como *Luanda Beira Bahia*, de Adonias Filho, entre outros; transcendem o corte epistemológico que orienta este estudo. Esta seção, portanto, se propôs a estabelecer um panorama das notações dos personagens portugueses, na condição de imigrantes, periféricos ao projeto de Aluísio de Azevedo que constitui o cerne deste estudo.

C) As Representações paradigmáticas dos personagens portugueses na obra de Aluísio Azevedo

A obra de Aluísio Azevedo, sobretudo n' *O Cortiço*, *O Mulato*, *O Homem* e em *Casa de Pensão*, é aquela em que as representações do português imigrado realizam-se de forma mais sistemática e intencional. Isso se inscreve naturalmente no projeto literário empreendido pelo autor, em consonância com movimento naturalista hegemônico em seu tempo, de captar um quadro social e o transformar em obra ficcional com o mínimo de mediação criativa. Um fazer literário que se queria obedientemente circunscrito ao intenso cientificismo e despótico racionalismo de uma época denominada pelo Determinismo, Positivismo e Evolucionismo. Sobre a identificação do autor com essa mentalidade em voga, Antônio Cândido escreve, a propósito d' *O Cortiço*:

“É regido por um determinismo escrito, que mostra a natureza (meio) condicionando o grupo (raça) e ambos definindo as

⁴ “categoria, mais ou menos genérica, em que são incluídos os romances que tratam da fundação do Brasil”

relações humanas na habitação coletiva. Mas essa força determinante de fora para dentro é contrabalançada e compensada por uma força que atua de dentro para fora: o mecanismo de exploração do português, que rompe as contingências e, a partir do cortiço, domina a raça e supera o meio. O projeto do ganhador de dinheiro aproveita as circunstâncias, transformando-as em vantagens, e esta tensão ambígua pode talvez ser considerada um dos núcleos germinais da narrativa”. (CÂNDIDO, Antonio. 2004, p. 140).

Naquele cenário, portanto, em que pontificavam o biologismo de Darwin (1809 – 1892), o Evolucionismo de Spencer (1820 – 1903), o Positivismo de Augusto Comte (1788 – 1857) e sobretudo Taine (1828 – 1893) propondo como condicionantes do comportamento humano, o meio, a raça e o momento; o fazer literário contamina-se da concepção de uma obra mais funcional – naturalmente para os autores que se filiaram a esse ideário – de uma interação mais orgânica com o processo social, em síntese: o romance de tese. Na própria epígrafe – uma delas – ao romance *O Homem* o autor adverte:

“Quem não amar a verdade na arte e não tiver a respeito do naturalismo idéias bem claras e seguras, fará, deixando de ler este livro, um grande obséquo a quem o escreveu”.
(AZEVEDO, Aluísio 2003, p. 11)

Tais são em síntese as razões da eleição de quatro obras do autor como subsídio nuclear ao estudo das representações do imigrante português no cenário do “antilusitanismo” do séc XIX pós-independência: *O homem, Casa*

de Pensão, O Cortiço e O Mulato. Todas elas apresentam portugueses em situações bem demarcadas, bem como denunciam a perspectiva do senso comum em relação a eles.

Mas não é essencialmente isso que eleva essas narrativas, ou mesmo o autor, à matéria de estudo; mas antes a presumível vocação para a verossimilhança, a pretensa apreensão da verdade congelada em um quadro, a controversa isenção autoral.

A obra de arte, conquanto institua um real próprio, não é nunca capaz de reproduzir o real ontológico, já que isso deificaria o autor, exigindo dele um olhar ubíquo e onipotente, quando muito consegue uma reprodução fragmentada e padecendo de inerente obsolescência. Aí residiu uma contradição fulcral do ideário do Naturalismo – pelo menos daquele mais radical e crédulo no “Romance de tese”, o qual, é importante registrar, Aluísio Azevedo transcendeu – o autor, e depois o narrador, está situado, ou instala-se voluntariamente em uma consonância social, num referente tempo/espacial, e, sobretudo, adota uma perspectiva ideológica. Por conseguinte, como é obvio, qualquer perquirição face ao texto literário de qualquer dado histórico deve ter sua “veracidade” relativizada em função dessas questões ⁵.

⁵ “Mesmo a história das mentalidades, proposta por Jacques Le Goff, Le Roy Ladurie, Georges Duby e outros, que privilegiou o texto literário, ou os códices, como Fontes, o propuseram”.

“Miopias” que foram abordadas no artigo de Robert Rowland:
“Em relação a Portugal e aos portugueses, (...) resultou uma caracterização simplificada e caricatural em termos de ‘bons’ e ‘maus’”.

Logo este é um estudo do fenômeno literário, determinado por um projeto explicitamente adotado por Aluísio Azevedo. Não há a pretensão de encontrar os traços efetivamente verossímeis ou os deformadores nas representações do português, mas de observar como elas se realizam literariamente, por projeto precípua do autor e, aí sim, cotejá-lo – de forma elementar, é verdade – com o contexto histórico em que se insere.

Essas quatro narrativas constituem, pois, o material privilegiado para esta proposta., já que é nelas que desfila o mais numeroso elenco de personagens nas condições estudadas, mas também é nelas que estes são mais intervenientes, em alguns casos protagonistas mesmo. São, estes personagens, concebidos via de regra em função da tipologia mais freqüentemente visível na vida urbana, tanto do Maranhão n' *O Mulato*, quanto no Rio de Janeiro nas outras três. Poder-se-ia supor, já aqui, a possibilidade de uma primeira refração resultante desse olhar autoral: ora, na adesão à realidade a que se propunha, poderia este, retratar não a diversificada presença portuguesa propriamente dita, mas a forma com que era registrada pelo senso comum coetâneo, sujeita, portanto, à generalização, à caricaturalização de motivação ideológica, enfim, a qualquer procedimento de deformação.

É, pois, sob esse olhar oblíquo e quiçá dissimulado que se vão observar as representações do imigrante português registradas pelo autor. Há nesse procedimento categorias, mais ou menos rigorosas, que orientam essas ocorrências, quase todas elas lastreadas na historiografia relativa à época, o

que lhes rendia certa verossimilhança, ressalvando-se, é claro, que não constituíam retratos absolutos e nem davam conta das particularidades e/ou especificidades, do contingente retratado – registradas pelos diversos autores que abordaram o fenômeno.

“(…) O perfil do emigrante português que veio para o Brasil durante o século XIX, era o de um jovem do sexo masculino, alfabetizado, e proveniente de uma família com recursos para arcar com as despesas de viagem e instalação no Brasil e que tinha, muito provavelmente, como destino principal a cidade do Rio de Janeiro. A partir do final do séc. XIX e início do séc. XX, com a entrada maciça do emigrante português modifica-se este perfil”.²⁵ (SCOTT, 2000, p. 127)

C.1 – Os tipos coadjuvantes, mas de disseminada presença.

Os inúmeros caixeiros, que, por exemplo, desfilam como empregados de Manuel Pescada, em *O Mulato*, e transitam também com freqüência nos outros três romances, constituem exemplo de tendência dessa imigração facilmente verificável nesta conjuntura.

“Entrou primeiro na varanda o Bento Cordeiro. Português dos seus trinta e tantos anos, arruinado, feio, de bigode e barba e cavanhaque. Gabava-se de grande prática de balcão, chamava-lhe ‘um alho’. Para aviar encomendas do interior, não havia outro! Cordeiro metia no bolso o capurreiro mais sabido”.²⁶ (AZEVEDO, Aluísio. 1980, p. 62)

“O segundo a passar foi Gustavo de Vila Rica, simpático e bonito mocetão de dezesseis anos, com as suas soberbas cores portuguesas que o clima do Maranhão ainda não tinha conseguido destruir. (...) O grande defeito deste era uma assinatura no Gabinete Português o que levava a boa gente

do comércio a dizer 'que ele era um grande biltre, um peralta, que estava sempre procurando o que ler!'

O Bento Ribeiro bradava-lhe às vezes, furioso: - Com os diabos! O patrão já lhe tem dado a entender que não gosta de caixeiros amigos de gazetas? ... Se você quer ser letrado, vá para Coimbra, seu burro!" (Idem, p. 63)".

Este fragmento d' *O Mulato* apresenta duas particularidades interessantes: primeiramente exemplifica um tipo de imigrante alfabetizado e de alguma formação que a historiografia registra com tendência do séc XIX; a segunda é da menção pouco freqüente a um português letrado e com expectativas literárias.

"Este era em tudo mais novo que os outros – em idade, na casa e no Brasil. Chegara havia coisa de seis meses da sua aldeia no porto, dizia chamar-se Manuelzinho e tinha sempre os olhos vermelhos de chorar à noite com saudades da mãe e da terra". (Idem, p. 63)

Outra representação bastante significativa, primeiro por revelar de forma quase terna um imigrante em condição social humilde, sem a pecha da mesquinhez ou da ganância que eram comumente associadas aos caixeiros; depois por corresponder a uma circunstância histórica bem específica: grande parte dos lusos para cá imigrados naquela época provinham de regiões rurais, notadamente do norte ou da região da Beira interior.

"De facto, o carácter regional social da emigração portuguesa transformou-se radicalmente a partir de 1885. Entre 1866 – 71 e 1911 – 13 o volume médio anual da emigração a partir de Portugal continental aumentou mais de dez vezes, de 6.237 a

64.836. A emigração dos quatro distritos do Nordeste (Viana, Braga, Porto e Aveiro) aumentou 368%, de 5.133 para 18.867, enquanto que a dos quatro distritos do Norte interior (Vila Real, Bragança, Guarda e Viseu) aumentou quase quarenta vezes, passando de apenas 792 a 31.640". (ROWLAND, Robert. 2000 p. 14).

“Durante a primeira metade do séc. XIX, os portugueses que continuaram a emigrar para o Brasil – tipicamente, jovens caixeiros do Minho (Rowland, 1988) – estiveram em grande medida ligados a essas mesmas atividades econômicas. Trabalhavam nas casas comerciais portuguesas”. (Idem, p. 12)

Este Manuelzinho encarna, também, outra insígnia da cultura lusitana: a saudade. Este sentimento, próprio à psique humana, instituiu-se entre os portugueses como um mito fundador da identidade nacional; há entre estes, inclusive, um orgulho muito propalado de ser o seu idioma o único entre as línguas modernas a dispor de um termo específico para representar esse sentimento. Muitos foram os teóricos que perscrutaram o tema (ou da) alma lusitana, de que é exemplo notável, em meio ao enorme acervo, *O Labirinto da Saudade* de Eduardo Lourenço. Porém, o tema em si demanda outra investigação acadêmica, em se considerando a sua estatura e proeminência na formação da idéia subjetiva de Portugal; sobretudo, utilizando o conceito de Eduardo Lourenço, em obra supra citada, na autognose lusitana. (Lourenço, Eduardo. 1992 p. 84).

Dessa imensa construção simbólica, contudo, convém a este trabalho mais a observação de suas manifestações, que eventualmente contribuiriam para traços do estereótipo; do que a investigação dos nexos causais que a

justifique. Frise-se, no entanto, que recorrentemente os autores que se debruçaram sobre o tema observaram-lhe um viés de idealização em que o imigrante por vezes, ao cultuar esse espaço e tempo míticos, situa-se de forma instável no lugar em que está, seja ele a própria terra, quando vive a evocação de outro mito fundador, o que o impele a partir; seja quando, desterrado, cultua e se ufana do “Rio de sua aldeia”.

Há, ainda uma feição mais dolorosa desse “não lugar” que é o retorno, quando laceram-se os vínculos de nacionalidade à medida em que também ali o imigrante “retornado” é visto como “o outro”, sendo designado pela pátria de onde retorna. Este trabalho empreenderá na ocasião do doutorado, o estudo dessa outra imagem espelhada: como a literatura portuguesa representou esse “brasileiro”, notadamente nas produções de Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz.

Assim que esse “Manuelzinho, tomado aqui incidentalmente como exemplo de uma marca distintiva comum a muitos outros personagens dos que esse trabalho eleva à condição de epistemis, delimita por essa expressão sentimental a sua alteridade, agravada, em última análise, em função de, a partir do êxodo, se ter transformado, como um estigma, num estrangeiro nas (ou das) “duas pátrias”. Essa aceção de ‘brasileiros’ como emigrantes retornados tem registro, por exemplo, no artigo da professora portuguesa, Maria Loannis Baganha:

‘na inserção dos emigrantes portugueses no Brasil, a historiografia portuguesa tem, sobretudo, salientado o caso dos jovens nortenhos do sexo masculino que, através de redes de solidariedade Vária, se dirigiram para as cidades brasileiras

e muito especificamente para o comércio de varejo. Convirá, no entanto, não esquecer as redes migratórias de tipo comercial (...) canalizaram também para o mercado de trabalho urbano brasileiro um número desconhecido, mas certamente muito significativo, de imigrantes cuja idade e inserção econômica na sociedade brasileira foi (sic) na esmagadora dos casos o reverso do sucesso econômico entre nós personificado pelo tipo social que denominamos de brasileiros e corresponde, essencialmente, ao primeiro tipo de inserção econômica que referimos”.(BAGANHA, Maria Ioannis B. *Historiografia da emigração portuguesa para o Brasil: algumas notas sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro*, 2001, p. 452/453).

Outro tipo coadjuvante que assume significações recorrentes, via de regra constituindo subsídios para a composição do estereótipo, é o do caixeiro avarento, pragmático, que irreleva tudo o que não constitua instrumento para a ascensão social.

“O Dias, que completava o pessoal da casa de Manuel Pescada, era um tipo fechado como um ovo, um ovo choco que mal denuncia na casca a podridão interior. Todavia, nas cores biliosas do rosto, no desprezo do próprio corpo, na taciturnidade paciente daquela exagerada economia, adivinhava-se-lhe uma idéia fixa, um alvo para o qual caminhava o acrobata, sem olhar dos lados, preocupado, nem que se equilibrasse sobre uma corda tesa. Não desdenhava qualquer caminho, desde que lhe parecesse mais curto; tudo servia, tudo era bom contanto que o levasse mais rapidamente ao ponto desejado. Lama ou brasa – havia de passar por cima, havia de chegar ao alvo – enriquecer”.

Quanto à figura, repugnante: magro e macilento, um tanto baixo, um tanto curvado, pouca barba, testa curta e olhos fundos. O uso constante dos chinelos de trança fizera-lhe os pés monstruosos e chatos; quando ele andava, lançava-os desairosamente para os lados, como o movimento dos palmípedes nadando. Aborrecia-o o charuto, o passeio e as reuniões em que fosse necessário despendar alguma coisa; quando estava perto da gente sentia-se logo um cheiro azedo de roupas sujas”. (AZEVEDO, Aluisio, 1980, p.66)

Esse Dias, se não é n’*O Mulato* exatamente um coadjuvante, já que termina por se casar com Ana Rosa, constitui um tipo que encontra consonância com alguns dos estereótipos mais recorrentes do imigrante português: é ganancioso, obcecado pela acumulação de riqueza, é sujo e mal vestido. Referindo-se ao Dias a futura esposa dizia:

“Enfim, resumia ela, quando, conversando com as amigas, queria dar-lhes uma idéia justa do que era o Dias – sempre há um homem que não tem coragem de comprar uma escova de dentes”. (AZEVEDO, Aluisio, 1980, p.66)

Convergem para aqui os dois traços caricaturantes comumente projetados no português, o desleixo com a higiene e assepsia como resultante da avareza. A coincidência destes dois traços alavanca, a propósito, culminância na figura repugnante de João Romão.

“O estereótipo do português desdobrava-se assim, em duas figuras: a do comerciante explorador e usuário e a do imigrante ‘burro”. (ROWLAND, Robert. 2000, p. 15).

C.2 – As representações femininas

Reside nestes estereótipos uma clara ambigüidade: ora se é burro, não deve, pelo menos com freqüência, lograr êxito na exploração econômica ou na ascensão sobre outrem. Essas ambivalências, com freqüência, se estabelecem como resultantes da perspectivação generalizante que produz, em meio ao senso comum, o clichê, ou mesmo na construção dos tipos naturalistas vocacionados à representação paradigmática de uma patologia social qualquer. É verdade que não há praticamente caso algum de representação, na obra de Aluísio Azevedo, do “português burro” ou “tolo” tão freqüente no anedotário popular, há apenas, na obra *O Homem*, o registro da personagem Justina por sua excessiva subserviência. Não era tola, mas de tal forma servil, que beirava a alienação – tema, aliás, que permeia toda a narrativa, já que a psicose acomete a protagonista e se pode intuir em outros personagens secundários.

“É que era justamente uma dessas criaturas vindas ao mundo para cuidar de doentes; naturezas estas que só amam deveras àquelas a quem devem muitas canseiras”. (AZEVEDO, Aluisio, 2003, p.75)

“Justina enxugava as lágrimas no avental, dando guinadas com todo o corpo a cada suspirado soluço que lhe vinha. (...)”.

- Não é por nada, mas é pela aquela que a gente toma às pessoas! ... Eu estava já afeita com minh'alma, e ter de deixá-la assim de um momento para o outro, sem ter lhe dado motivo... Dói, como não dói ?” (AZEVEDO, Aluisio, 2003, p.123)”.

A convergência entre o estereótipo forjado no imaginário popular e a figura do português comum, representada nas obras de Aluísio Azevedo ocorre, por exemplo, na caricaturação do português como rude, “grosseirão”, avesso às convenções de etiqueta e convívio social.

“O português amigo da Das Dores, já desengravatado e com os braços à mostra, vermelho, lustroso de suor, intumescido de vinho virgem e leitão de forno, repotreava-se na sua cadeira, a rir forte, sem calar a boca, com a camisa a espirlhe pela barriga aberta.” (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 68)

“E, para deixar bem patentes as suas preferências, virou o pé de lado e bateu com o tamanco na canela da mulata”.

- Olha o bruto “... queixou-se esta, levando a mão ao lugar da pancada. Sempre há de mostrar que é galego”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 107)

“Portuguesas monstruosas, com umas ancas que pediam palmadas, os pés torcidos em sapatos de pano preto sem feitio. ‘Uma gente impossível!’ Magda via-os a todos, um por um, enjoada, com o narizinho torcido e cheia de uma secreta vontade de chicoteá-los”. (AZEVEDO, Aluisio. 2003 p. 120)

A propósito da mulher portuguesa, Aluísio Azevedo apresenta um elenco, ainda que não muito numeroso, bastante polissêmico; ocorrem representações de portuguesas virtuosas e trabalhadoras despojadas de beleza (pelo menos sem menção a esse atributo estético):

“A mulher chamava-se Piedade de Jesus, teria trinta anos, boa estatura, carne ampla e rija, cabelos fortes de um castanho fulvo, dentes pouco alvos, mas sólidos e perfeitos, cara cheia, fisionomia aberta, um todo de bonomia toleirona,

desabotoando-lhe pelos olhos e pela boca numa simpática expressão de honestidade simples e natural”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 54)

Mas, sobre a mesma personagem, esposa de Jerônimo, já sob uma perspectiva imiscuída nas idiosincrasias abasileiradas:

“Jerônimo, só com respirar aquele almíscar, parecia melhor. Quando Piedade tornou, pesada, triste, resmungando consigo mesma, ele sentiu que principiava a enfará-lo; e, quando a infeliz se aproximou do marido, este, fora de costume, notou-lhe o cheiro azedo do corpo”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 81)

“Cedia passivamente nos hábitos da existência, mas no íntimo continuava a ser a mesma colona saudosa e desconsolada, tão fiel às suas tradições como a seu marido”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p.93)

Também na coletividade orgânica d’*O Cortiço* aparecem outros tipos de lusas, como a masculinizada Machona:

“A primeira que se pôs a lavar foi a Leandra, por alcunha de ‘A Machona’, portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 38)

Ou a nasciva e dissoluta Leocádia:

“Junto dela pôs-se a trabalhar a Leocádia, mulher de um ferreiro chamado Bruno, portuguesa pequena e socada, de

carnes duras, com uma fama terrível de leviana entre as vizinhas”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 39)

Há, inclusive, uma personagem interessante por se tratar de uma portuguesa que fora rica e que sucumbia ao tempo da narrativa na decadência social daquele miserável aglomerado urbano. Essa personagem ilustra a diversidade econômica e cultural com que se deu, sobretudo no Rio de Janeiro, a inserção social do português; cotejando-se, naturalmente, a representação ficcional com as circunstâncias dessa imigração apuradas pela História.

“Depois via-se a velha Isabel, isto é, Dona Isabel, porque ali na estalagem lhe dispensavam todos certa consideração, privilegiada pelas suas maneiras graves de pessoa que já teve tratamento: uma pobre mulher comida de desgostos. Fora casada com o dono de uma casa de chapéus, que quebrou e suicidou-se, deixando-lhe uma filha muito doentinha e fraca (...). Tinha uma cara macilenta de velha portuguesa devota, que já foi gorda, bochechas moles de pelancas rechupadas, que lhe pendiam dos cantos da boca como saquinhos vazios: fios negros no queixo, olhos castanhos, sempre chorosos, engolidos pelas pálpebras (...). Quando saía à rua punha um eterno vestido de seda preta, achamalotada, cuja saia não fazia rugas, e um xale encarnado que lhe dava a todo o corpo um feitio piramidal. Da sua passada grandeza só lhe ficara uma caixa de rapé de ouro”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 39 e 40)

Esses processos de decadência agravam-se permanentemente como uma degenerescência social inexorável, *como naquela fermentação sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na*

lama, contudo, paradoxalmente, o espaço físico se elitizava. A virtuosa Piedade, depois de todas as vicissitudes, degradava-se absolutamente.

“Pobre mulher! Chegara ao extremo dos extremos. Coitada! Já não causava dó, causava repugnância e nojo. Apagaram-se-lhe os últimos vestígios do brio; vivia andrajosa, sem nenhum trato e sempre ébria, dessa embriaguez sombria e mórbida que se não dissipa nunca. O seu quarto era mais imundo e o pior de toda a estalagem; homens malvados abusavam dela, muitos de uma vez, aproveitando-se da quase completa inconsciência da infeliz. Agora, o menor trago de aguardente a punha logo pronta; acordava todas as manhãs apatetada, muito triste, sem ânimo para viver esse dia, mas era só correr à garrafa e voltava-lhe a risada frouxa, de boca que já se não governa”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 224)

A própria filha constituirá um exemplo interessante de portuguesa, já que viera para o Brasil criança, recebera boa educação num colégio de freiras, que fora interrompida pela inadimplência do pai, e, a feição de Pombinha, estava também condicionada a um desígnio atávico de se tornar prostituta.

“A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria”. (AZEVEDO, Aluisio. s/data, p. 224)

Há em relação ao feminino, no romance *Casa de Pensão*, uma notação mais leve, sutil e pontual, que, contudo, merece menção porque parece constituir um paradigma estético expressamente associado a uma jovem portuguesa.

“Era bonitinha, corada, os cabelos castanhos apanhados na nuca. Parecia portuguesa.

Amâncio, ao passar por ela, estacou também, a fitá-la. De repente lançou-lhe as mãos.

A pequena, muito contrariada, fez uma cara de raiva e gritou – que a soltasse! Que não fosse atrevido “. (AZEVEDO, Aluísio, 2000, p. 34)”.

C.3 – Injúrias e aforismos sintomáticos de um imaginário popular

Essa, entre outras passagens, sobretudo d’*O Cortiço* e de *Casa de Pensão* – narrativas cariocas – revela uma quase ubiqüidade do português no cenário orgânico da cidade, tal a diversidade de sua inserção no tecido social: eram explorados e exploradores; senhorios dos cortiços e também seus inquilinos; apresentavam-se com “fumos” de aristocratas com seus títulos de nobreza e outros alcunhados de “burros sem rabos”. Naturalmente, essa coexistência social, numa conjuntura de intensa desigualdade econômica marcada pelas seqüelas dos estertores do escravismo e suas laceradas conseqüências sociais, realizou-se sob a marca de candente tensão, sempre sujeita a uma sublevação emitente. Os atores sociais identificavam-se com seus pares mais visíveis e hostilizavam, a partir da mesma análise superficial e imediatista, aquele que consideravam o outro; nesse caldeirão fomentaram-se ódios, xenofobia e racismo, marcas de uma quase irremediável fratura social, que de resto, manifesta-se até os dias atuais, de que trata, por exemplo, oportuno trabalho de Zuenir Ventura no livro *Cidade Partida*.

Nesse contexto, no bojo do antilusitanismo já mencionado, os confrontos entre brasileiros e portugueses eram freqüentes. E sobretudo esses

três romances de Aluísio Azevedo registram aforismos, injúrias, querelas – chegando mesmo às vias de fato – perpetrados contra portugueses, com expressa referência à nacionalidade como traço de *distinção*.

“Eu logo vi. Leva implicando aqui com a gente e depois, vai-se comprar na venda, o safado rouba no peso. Diabo do Galego!” (AZEVEDO, Aluísio, s/data, p. 48)

“- Cala a boca, diabo! Toma o café e deixa de maledicência! É mesmo vício de Portugal: comendo e dizendo mal”. (AZEVEDO, Aluísio, s/data, p. 156)

“- Com a minha vida é que te metes tu, cigana! Exclamou a portuguesa, sem se conter e avançando para a porta com ímpeto.

- Hein? Repete, cutruca ordinária! Berrou a mulata dando um passo em frente.

(...).

Quase todos os brasileiros eram pela Rita e quase todos os portugueses pela outra.

(...).

E as palavras de “galego” e “cabra” cruzaram-se de todos os pontos como bofetadas. Houve um vavau rápido e surdo, e logo em seguida um formidável rolo, um rolo a valer, não mais de duas mulheres, mas de uns quarenta e tantos homens de pulso, rebentou como um terremoto.

(...).

Ouviam-se, num clamor de pragas e gemidos, vivas a Portugal e vivas ao Brasil “. (AZEVEDO, Aluísio, s/data, p. 179, 180, 181)”.

Curioso é que no calor dessa luta, fez-se a ameaça do cortiço rival, e nesse momento deu-se a adesão dos grupos rivais em função de uma razão que, portanto, afigurou-se maior:

“Um só impulso os impelia a todos; já não havia ali brasileiros e portugueses, havia um só partido que ia ser atacado pelo partido contrário”. (AZEVEDO, Aluísio, s/data, p. 182).

Essa passagem é reveladora do quanto eram voláteis, pelo menos sob esta perspectiva literária que aspirava à verossimilhança, as categorias estabelecidas à sorte de preconceitos, necessariamente, superficiais demais face à intensa complexidade dessa malha populacional.

A propósito destas rixas é oportuno citar:

“Analisando um conjunto de processos – crimes relativos a conflitos, envolvendo portugueses durante a República Velha – (1889 – 1930), Gladys Ribeiro documentou várias situações análogas às descritas em *O Cortiço*, e mostrou como essas tensões tinham, no Rio, origem na concorrência econômica entre imigrantes portugueses e trabalhadores brasileiros no período que se seguiu à Abolição da Escravatura”. (ROWLAND, Robert. 2000, p. 15)

Há também exemplos desses vitupérios corriqueiros, disseminados pelo convívio social, nas outras obras de Aluísio Azevedo estudadas por este trabalho:

“- Ele não te quis dar a mesada?...”.
- Perguntou Amâncio muito espantado.

- É o costume daqui! – retrucou o Paiva desabridamente. – Eles julgam que nos fazem grande obséquio em dar-nos aquilo que nos pertence! E, olhando para Amâncio com os olhos apertados: - Mas, também, filho, disse-lhe meia dúzia de desaforos, como ele nunca ouviu em sua vida! Cão! E expôs a descompostura por inteiro, na qual as palavras *galego*, ladrão, cachorro entravam repetidas vezes “. (AZEVEDO, Aluísio. 2000, p. 22 e 23)

A expressão “*Galego*”, tão freqüentemente utilizada como ofensa perpetrada contra os portugueses, é bastante curiosa, já que a Galiza é região da Espanha.. Sintomático processo de generalização que institui, ironicamente, um sentido duplamente ofensivo, ao confundir o português com o povo com o qual há maior rivalidade, e, sobretudo, fazendo menção a um território que foi o pomo de seculares discórdias entre as duas nações, e que coube por fim à Espanha, constituindo-se num símbolo de uma derrota lusitana. E, claro, que este subtexto passa despercebido no uso corrente da língua:

“- deixa lá esse Labrego! Resmungou Porfírio, tomando o amigo pelo braço e fazendo-o recolher-se à casa da mulata”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 71)

C.4 – As ambivalências do português e de Portugal

Os portugueses eram freqüentemente representados como rudes, “atrasados”, avarentos; entretanto, concomitantemente o “sangue europeu” e português, bem como Portugal, constituíam uma heráldica, uma elevação étnica e/ou social.

“Para estes últimos cuidados arranjou-se um homenzinho meio corcunda, português, esperto e rafeiro como um rato, um pouco falador, mas muito experimentado naqueles serviços”. (AZEVEDO, Aluísio. 2000, p. 168)

Uma passagem desairosa, observando um tipo “rafeiro” em condição social subserviente. Mas na mesma obra:

“Inflamava-se, como sempre que se referia a sua procedência. Vinha, com efeito, de fidalgos: era sobrinho bastardo de um conde português”. (AZEVEDO, Aluísio. 2000, p. 40)

Para além da ironia pontuada pela colateralidade da origem fidalga, conspurcada mais ainda pela condição de “bastardo”, a passagem é, contudo, reveladora já que expõe um valor social de então.

“Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa, muito cheia de *escrúpulos de sangue*”. (AZEVEDO, Aluísio. 1980, p. 47)

E referindo-se à mesma personagem:

“Lembrava-se com grandes suspiros do marido, ‘do seu João Hipólito’, um português fino, de olhos azuis e cabelos louros.

(...).

Maria Bárbara tinha grande admiração pelos portugueses, dedicava-lhes um entusiasmo sem limites, preferia-os em tudo aos brasileiros “.(AZEVEDO, Aluísio. 1980 p. 47)”.

Ou ainda na mesma obra, a terrível personagem Sra. D. Quitéria Inocência, com “muita religião e escrúpulos de sangue” dava curso à ordem de valores ostentados pela elite maranhense e seu racismo expresso:

“Casara com José da Silva por dois motivos simplesmente: porque precisava de um homem, e ali não havia muito onde escolher e porque lhe diziam que os portugueses são brancos de primeira água”. (AZEVEDO, Aluísio. 1980, p. 47)

E os tais “escrúpulos de sangue” projetavam no português uma via de “eugenia”, expondo o racismo vigente.

“O sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior. O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 168)

Neste fragmento expõem-se os princípios do cientificismo que orienta a obra: o processo de degradação de Jerônimo, marcado pela sua capitulação ao meio, à natureza brasileira e a zoomorfização decorrente da atração pela mulata, o triunfo dos instintos, e os estigmas atávicos que imperam sobre as

personagens. As questões de sangue, que também pontificam, nas obras referidas expõem um terrível racismo.

“Com semelhante esterco, não podia desabrochar melhor ao seu temperamento o leite escravo, que lhe deu a mamar uma preta da casa.

Diziam que era uma excelente escrava: tinha muito boas maneiras; não respingava aos brancos, não era respondona, aturava o maior castigo, sem dizer uma palavra mais áspera, sem fazer um gesto mais desabrido. Enquanto o chicote lhe cantava nas costas, ela gemia apenas e deixava que as lágrimas lhe corressem silenciosamente pelas faces.

Além disso – forte, rija para o trabalho. Poderia nesse tempo valer bem um conto de réis.

Vasconcelos a comprara, todavia, muito em conta, ‘uma verdadeira pechincha’! Porque o demônio da negra estava então que não valia duas patacas, mas o senhor a metera em casa, dera-lhe algumas garrafadas de laranja-da-terra, e a preta em breve começou a deitar corpo e endireitar, que era aquilo que se podia ver!

O médico, porém, não ia muito em que a deixassem amamentar o pequeno.

- Essa mulher tem reuma no sangue, dizia ele – e o menino pode vir a sofrer para o futuro “. (AZEVEDO, Aluísio. 2000 p. 10)”.

E estabelecendo nexos com essa concepção de uma lactação de “qualidade inferior”:

“Logo, porém, que deixou a cama, apareceram-lhe dores reumáticas na caixa do peito e nas articulações de uma das pernas. Era o sangue de sua ama-de-leite que principiava a rabear. Bem dizia outrora o médico a seu pai, quando este a

encarregou de amamentar o filho”. (AZEVEDO, Aluísio. 2000, p.12)

Ademais, o tema central de *O Mulato* é precisamente esse enraizado racismo perpetrado contra os negros agravando as fissuras sociais e as tensões políticas, os ódios e ressentimentos entre os diferentes componentes do tecido populacional.

“Este, quanto ao chamado vil metal, não tinha nem pouco, nem muito, era pobre, pobre como o país onde nascera; mas descendia em linha reta de uma família portuguesa muito ilustre pelo sangue”. (AZEVEDO, Aluísio. 2003, p. 51)

C.5 – A marcação dos traços culturais lusitanos mais notáveis no Brasil

A presença do imigrante português, notadamente depois da independência, nas principais cidades brasileiras, constituía um fenômeno tão freqüente que praticamente se disseminava pela vida social. Há, no entanto, um aspecto dialético nesta integração digna de nota: sem dúvida a imigração lusa foi a que mais naturalmente se imiscuiu na vida das cidades brasileiras, facilitada é claro pela língua comum; porém essa lusitanidade é também muito claramente identificada por insígnias culturais, que por sua vez já se plasmaram na realidade brasileira.

“Tratou depois, com entusiasmo, de Portugal; lembrou as boas comezainas portuguesas: ‘as caldeiradas d’eirozes a orelheira de porco com feijão branco, a açorda, o caldo gordo, o famoso bacalhau do Algarve!’

- Ai! O pescado! Suspirou o Dias, saudoso pela terra. Que rico pitéu!” (AZEVEDO, Aluísio. 1980 p. 168)”.

A gastronomia é, com efeito, um distintivo de qualquer imigração, já que além de constituir, talvez, o mais essencial dos costumes de um povo, é, também, aquele elemento da terra natal que mais facilmente se pode reproduzir no lugar de acolhimento, sobretudo no Brasil para onde esses produtos sempre foram importados com regularidade.

“Jerônimo só voltava à casa ao descair da tarde, morto de fome e fadiga. A mulher preparava-lhe sempre para o jantar alguma das comidas da terra deles”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 58)

“Contra todo o costume, abriu-se nesse dia uma garrafa de vinho do Porto, e os dois beberam-na em honra ao grande acontecimento”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 15)

“Jerônimo e sua mulher foram convidados para ambas as mesas, mas não aceitaram o convite para nenhuma, dispostos a passar a tarde ao lado um do outro, tranqüilamente, como sempre, comendo em boa paz o cozido à moda da terra e bebendo o seu quartilho de verde pela mesma infusa”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 68)

Registram-se aqui os “Ex-librii” gastronômicos de Portugal, o bacalhau, a caldeirada, a açorda, o vinho verde e o do Porto, enfim, alguns dos referenciais simbólicos da cultura portuguesa. Também a música e as festas religiosas revelam com freqüência a presença lusitana. O fado, por exemplo, sobre o qual há um curioso trabalho de José Ramos Tinhorão lhe atribuindo

origem brasileira (opus cit.), e mencionado em diversas obras do século XIX, notadamente nas de Aluísio Azevedo.

“Por fim o cavouqueiro ergueu-se da mesa, tomou a sua viola e foi esperar pela hora de dormir, assentado à porta da estalagem repinicando o seu fado favorito (...). Só a viola do cavouqueiro continuava bem acordada, quebrando o denso recolhimento das nove e meia com seu ‘tir-lim-tim-tim’ monótono e embebido de saudade”. (AZEVEDO, Aluísio. 2003, p. 168)

Há traços análogos bem evidentes com esta cena d’*O Cortiço*, protagonizada por, o também cavouqueiro, Jerônimo, outro sentimental:

“Depois até as horas de dormir, que nunca passavam das nove, ele tomava a sua guitarra e ia para defronte da porta, junto com a mulher, dedilhar os fados da sua terra. Era nesses momentos que dava plena expansão às saudades da pátria, com aquelas cantigas melancólicas em que a sua alma de desterrado voava das zonas abrasadas da América para as aldeias tristes de sua infância.

E o canto daquela guitarra estrangeira era um lamento choroso e dolorido, eram vozes magoadas, mais tristes do que uma oração em alto-mar “. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 58)

O descritivismo do autor e sua fidelidade ao real fazem notações interessantes de outros ritmos portugueses, com densa carga de significações.

“Pela volta das nove da noite surgiram como por encanto as violas e as guitarras, e o pagode tomou novo caráter. Pegou-se então de cantar o fado corrido, o Malhão, a Caninha Verde e a Espadelada. Começava verdadeira festa”. (AZEVEDO, Aluísio. 2003, p. 178)

As alusões aos ritmos populares portugueses, via de regra associados a uma coreografia específica (o que se verifica, por exemplo, nos diversos Ranchos Folclóricos das diversas casas portuguesas) denotam o rigor “fotográfico” do autor ao elencar os imigrantes lusos para o cenário humano de suas narrativas, quando não o de os alçar à condição de protagonistas, como em *O Cortiço*. O sentimento de saudade, o espírito melancólico e nostálgico denunciam uma qualquer insatisfação, uma instabilidade existencial, um sentimento de “não pertença” a estas terras, que eventualmente podem acentuar a alteridade.

Também a severidade, a austeridade com que os portugueses são identificados, são observadas pelo minucioso olhar do autor – que incorre na distorção quando generaliza, estabelecendo categorias a partir de incidências pontuais, minoritárias, enfim, partes que não representam necessariamente o todo – que com freqüência os associa a uma imagem antiquada de Portugal, como que de uma cultura atrasada em face da Europa.

“A casa de Luís Campos era na Rua Direita. Um desses casarões do tempo antigo, quadrados e sem gosto, cujo ar severo e recolhido está a dizer no seu silêncio os rigores do velho comércio português”. (AZEVEDO, Aluísio. 2000, p. 2)

“Apesar de *inteligente e de brasileiro*, Campos nunca logrou espantar de sua casa o ar triste que a ensombrecia. À mesa, quando raramente se palestrava, era sempre com muita reserva; não havia risadas expansivas, nem livres exclamações de alegria. Os hóspedes, pobre gente de

província, faziam uma cerimônia espessa, o guarda-livros poucas vezes arriscava a sua anedota e, só se determinava a isso, tendo de antemão escolhido um assunto discreto e conveniente”. (AZEVEDO, Aluísio. 2000, p. 178)

Muito significativo aqui o uso do termo “inteligente”, posto no campo semântico antagônico ao da severidade arquitetônica lusitana. Logo, o avesso dessa austeridade estética e de modos era concebido como moderno, atualizado, enfim inteligente. Essa passagem constitui, portanto, notação de um “lugar comum” com que freqüentemente se concebe a cultura lusitana: desprovida de inteligência, atrasada, “démodé”.

“O Sebastião Campos, esse cara viúvo da primeira filha de Maria Bárbara e, como aquele um tipo legítimo do Maranhão; nada, porém, tinha ao outro senão o orgulho e a birra aos portugueses, a quem na ausência só chamava ‘Marinheiros – puçás – galegos’ . (...)

E estava sempre a repetir que o Brasil teria ganho muito, se perdesse a Guerra dos Guararapes.

- A nossa desgraça, rezava ele, é termos caído nas mãos destas bestas! Uns lesmas!

Uma gente sem progresso, que só cuida de encher o papo e aferrolhar dinheiro “. (AZEVEDO, Aluísio. 1980 p. 178)⁶

Esse fragmento é muito sintomático – sempre registrando que se considera a intenção precípua do autor de tecer um quadro fiel à realidade – do sentimento de insatisfação disseminado pelo senso comum contra os portugueses – de que tratamos na contextualização histórica. No romance *O Mulato* faz-se, mesmo, referência expressa aos levantes do Pará e de outros

estados, que à guisa de se insurgirem contra a conjuntura econômica de então, projetaram no português a condição de inimigo do Brasil. A propósito da origem do protagonista, por exemplo, a narrativa faz o seguinte registro:

“Nasceu numa fazenda de escravos na Vila do Rosário, muitos anos depois que seu pai, José Pedro da Silva. Aí se refugiara, corrido do Pará ao grito de ‘mata bicudo!’ nas revoltas de 1831.

José da Silva havia enriquecido no contrabando dos negros da África e fora sempre mais ou menos perseguido e malquisto pelo povo do Pará “.(AZEVEDO, Aluísio. 1980 p. 73)”.

Estas obras registram também, como marca lusitana, uma austeridade e contenção nas relações familiares. Disto é exemplo notável a educação recebida por Amâncio, protagonista de *Casa de Pensão*:

“Amâncio fora muito mal educado pelo pai português antigo e austero, desses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoadada, tinha um medo horroroso de Vasconcelos; fugia dele como de um inimigo, e ficava todo frio e a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos. Se acaso algumas vezes se mostrava dócil e amoroso, era sempre por conveniência: habituou-se a fingir desde esse tempo”. (AZEVEDO, Aluísio. 2000, p. 7)

⁶ - Em relação à ilação histórica realizada pelo personagem, que no bojo de seu antilusitanismo enaltece a presença holandesa e os presumíveis dividendos de uma sua eventual vitória, é interessante observar o poema de Jorge de Lima, epígrafe deste trabalho, que com isto estabelece diálogo. Não podemos também deixar de fazer o registro histórico de um fato nada alvissareiro. Até hoje a Holanda se constitui metrópole do *Suriname*, país localizado ao norte do Brasil, com o qual faz fronteira, para onde se refugiaram os holandeses que fugiram da derrota onde hoje se localiza Pernambuco.

Faz-se aqui expressa associação entre esse despotismo educacional (na relação filial) com o português, que posteriormente é mais particularizado pelas especificidades: “desses que confundem respeito com terror”. Para, no avançar da narrativa, dotar de mais intensos e profundos significados:

“Só agora, depois da carta, depois que soube que era amado pelo velho, uma grande tristeza invadiu-o todo, e as lágrimas rebentaram-lhe com explosão.

Assim sucede sempre aos filhos educados à portuguesa, cujos pais como que sentem vexame de lhes patentear o seu amor.

Pobres pais! Quantas vezes não estarão morrendo por afagar o filho e, todavia, em vez de lhes darem um sorriso carinhoso, um beijo, uma palavra de doçura, fingem-se indiferentes e afastam-se para que o pequeno não lhes perceba a comoção” (AZEVEDO, Aluísio. 2000, p.)

Tais circunstâncias psicológicas, determinantes dessa economia de gestos, dessa contenção emocional, constituem segundo padrões da época referidos pela obra, a maneira lusitana hegemônica de educar os filhos. Há também sinais de uma educação distanciada, a delegação por parte dos pais – pelas mais variadas razões – dessa responsabilidade a outrem, como ocorre com o casal Jerônimo e Piedade, bem como com Dona Isabel, n’ *O Cortiço*, que colocam suas filhas em colégios internos, no afã de lhes proporcionar educação melhor do que a que lhes podiam oferecer nas condições degradantes do *Cortiço*, mas ambas acabaram, como estigma, nele e com destinos traçados por ele. Há também o exemplo do embaraço de *Manuel Pedro da Silva* em cumprir seu papel de pai diante de sua filha Ana Rosa, n’ *O Mulato*.

“Para não ficar só com a filha ‘que se fazia mulher’, convidou a sogra, Dona Maria Bárbara, a abandonar o sítio em que vivia e ir morar com ele e mais a neta! A menina precisava de alguém que a guiasse, que a conduzisse! Um homem nunca podia servir para essas coisas! E se fosse meter em casa uma preceptora – Meu Bom Jesus! – que diriam por aí?”. (Azevedo, Aluísio. 2000 p.).

C.6 – As circunstâncias em que se plasmam os personagens portugueses mais intervenientes

A diversidade social, cultural, bem como de perfil moral com que se constituiu o elenco de personagens lusitanos nas obras de Aluísio Azevedo é tal, que acaba por projetar a condição de português em tipos os mais variados, de castas sociais e formações culturais as mais diversas, sujeitos a uma dimensão moral e psicológica variável. Trata-se, enfim da representação de uma coletividade a partir de um mosaico de tipos previstos e previsíveis por aquele senso comum – alguns identificados hodiernamente -, já que a quase totalidade dos tipos pode ser lastreada historicamente e foi fixada por estereótipos claramente estabelecidos. O português que alcança a alta burguesia. E é fixado pelo estereótipo de ostentador obstinado por um título nobiliárquico, por exemplo; ou, ainda, o comerciante mesquinho, avarento e desonesto – como já se mencionou anteriormente, ou aquela representação do português rude, avesso às convenções de educação, que desempenha funções subalternas no contexto social urbano, os “burros-sem-rabo” – que este trabalho já mencionou -, todas representações com lastro histórico, que

pecam, naturalmente, por se apresentarem como modelos fixos, generalizantes e estanques, portanto, desumanizados.

Há contudo representações que eventualmente transcendem esses tipos pré-formatados, acrescentando-lhes sutilmente, é verdade – alguma dinâmica. Sob esta perspectiva o caso de Jerônimo, d'*O Cortiço*, constitui, mais do que um tipo, uma tese: o português honrado, trabalhador, saudosíssimo, forte como um animal, que vai se “amolengando”, degradando-se psíquica, moral e fisicamente à medida que se imiscuir na vida brasileira, mais especificamente na “promiscuidade” do cortiço. Não se pode deixar de mencionar, como fator que deflagra este processo de dissolução, o clichê da atração física pela mulata, que o “animaliza” sob a perspectiva dos determinantes atávicos que norteiam a obra.

“Era um português de seus trinta e cinco a quarenta anos, alto, espadaúdo, barbas ásperas, cabelos pretos e maltratados caindo-lhe sobre a testa, por debaixo de um chapéu de feltro ordinário; pescoço de touro e cara de Hércules, na qual os olhos, todavia humildes como os olhos de um boi de canga, exprimiam tranqüila bondade”. (Azevedo, Aluísio. s/data, p. 45)

Fazem-se aqui pelos menos duas notações muito emblemáticas: um homem de uma força animalizada representada pelo *pescoço de touro*; além de uma humildade que decai semanticamente para uma escassez intelectual, marcada pela quase redundante zoomorfização, *olhos de um boi de canga*.

“Era tão metódico e tão bom trabalhador quanto o era como homem.

Jerônimo viera da terra, com a mulher e uma filhinha ainda pequena, tentara vida no Brasil, na qualidade de colono de um fazendeiro, em cuja fazenda mourejou durante dois anos, sem nunca levantar a cabeça, e de onde afinal se retirou de mãos vazias e com grande birra pela lavoura brasileira. Para continuar a servir na roça tinha que sujeitar-se a emparelhar com os negros escravos e viver com eles no mesmo meio degradante, encurralado como uma besta, sem aspirações, nem futuro, trabalhando eternamente para o outro.

Não quis. Resolveu (...) atirar-se para a corte, onde, diziam-lhe patrícios, todo homem bem disposto encontrava furo”.⁸²
(AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 55 e 56)

Há aqui notação literária de uma circunstância histórica perfeitamente análoga: houve, na segunda metade do séc XIX, legiões de imigrantes portugueses que vieram para atividades rurais, que além de não representarem o mais típico da imigração lusa que em geral buscava a vida urbana, acabava por se evadir do campo em êxodo para a cidade, encorajados sobretudo pelo domínio lingüístico que constituía um facilitador para a integração.

“Em todo este processo a participação de imigrantes portugueses foi pouco significativa, e isso por duas ordens de razões.

Em primeiro lugar, os imigrantes portugueses tinham sempre preferido dirigir-se para as cidades, onde o seu conhecimento da língua e os contactos com outros portugueses facilitavam a sua integração. Mesmo quando tinham vindo para o Brasil já contratados e destinados a uma fazenda, muitos aproveitavam-se da primeira oportunidade para fugirem para o Rio de Janeiro. Não foi por nada que em 1858 o Barão de Nova Friburgo dera instruções aos seus agentes para só contratarem ‘filhos de lavradores do campo e que nunca

tiveram outra ocupação (...). Não se admite sob pretexto nenhum, gente das cidades ou vilas' “. (ROWLAND, Robert. 2000, p.16)

Voltando ao universo literário e ao Jerônimo, trata-se de um tipo “parolo”, um português rústico quase telúrico de hábitos prosaicos, mas dotado de uma sensibilidade, notadamente de saudosismo indômito, elevado à marca étnica, manifesta por muitos outros portugueses – inclusive já mencionados -. Com freqüência a menção a esta saudade faz-se a partir da marcação simbólica da viola (guitarra portuguesa) e/ou do fado.

“Depois, até às horas de dormir, que nunca passavam das nove, ele tomava a sua guitarra e ia para defronte da porta, junto com a mulher, dedilhar os fados da sua terra. Era nesses momentos que dava plena expansão às saudades da pátria, com aquelas cantigas melancólicas em que a sua alma de desterrado voava das zonas abrasadas da América para as aldeias tristes da sua infância.

E o canto daquela guitarra estrangeira era um lamento choroso e dolorido, eram vozes magoadas, mais tristes do que uma oração em alto-mar. (...) “. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 58)

Estas sentimentalidades redimiam-no da zoomorfização e do embrutecimento, elementos de resistência, de humanização, face ao meio e às circunstâncias sociais. Contudo os instintos afloram, deflagrados por uma cadeia de sinestésias, fermentados pelo calor dos trópicos; e o homem, que à chegada merecera tanto respeito e admiração, capitula ao “amor setentrional” – expresso, tão somente, pelas feições do desejo erótico – e vai transigir de toda

aquela ordem de valores que pareciam estáveis e sólidos, “antigos como a Europa de onde viera”.

“E à viva crepitação da música baiana calaram-se as melancólicas toadas dos de além-mar. Assim à refulgente luz dos trópicos amortece a fresca e doce claridade dos céus da Europa, como se o sol americano, vermelho e embraseado, viesse, na sua luxúria de sultão, beber a lágrima medrosa da decaída rainha dos mares velhos.

Jerônimo alheou-se de sua guitarra (...).

(...) o cheiro animal da primeira mulher, da primeira mestiça, que junto dele sacudiu as saias e os cabelos “.(AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 76)

“Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente das trevas e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Isto era o que Jerônimo sentia, mas o que o tonto não podia conceber. De todas as impressões daquele resto de domingo só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida embriaguez, não de vinho, mas de mel

chuchurreado no cálice de flores americanas, dessas muito alvas, cheirosas e úmidas, que ele na fazenda via debruçadas confidencialmente sobre os limosos pântanos sombrios, onde as oiticicas frescalam um aroma que entristece de saudade. E deixava-se ficar, olhando. Outras raparigas dançaram, mas o português só via mulata. (...) “(AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 78)

Trata-se, portanto, de uma representação que apresenta uma dinâmica: - o que não é freqüente nos tipos de Aluísio Azevedo, como de resto nas narrativas Naturalistas – o português forte em sua rigidez moral, seu vigor e inteligência para o trabalho ⁷, que, contudo, degrada-se até condição abjeta de inadimplir, inclusive, em suas responsabilidades como pai, a degradação final dos “antigos valores”.

Há um tipo bem marcado, quase elevado à condição de categoria sócio-cultural nestas quatro obras, que é aquele do português que se alçou à alta burguesia, aquele que enriquece por meio da atividade comercial e transita, com naturalidade, em esferas sociais mais elevadas, ainda que não cheguem aos píncaros da elite. Esses personagens ocorrem nas obras citadas, representados de forma expressa sob a condição de imigrante, incorporando a insígnia de alteridade que a própria narrativa lhe relega.

⁷ A este propósito é interessante registrar que, a despeito do estereótipo do português desprovido de inteligência, que como vimos não foi muito contemplado literariamente, nunca se deixou de enfatizar o “engenho e arte” lusitanos para o trabalho, mesmo que algumas vezes isso produza acepção pejorativa, como no caso do comerciante ganancioso – mas que, ainda assim, tem êxito.

Manuel Pescada, de *O Mulato*, constitui um desses personagens e apresenta uma peculiaridade interessante: é assinalado com o distintivo de “o bom português”, amigo do Brasil. Tal categorização apresenta-se também lastreada historicamente, tendo ocorrido sobretudo nas décadas subseqüentes à independência, quando, no calor das rupturas e cisões políticas, estabeleceu-se uma divisão maniqueísta que julgava os portugueses como pró-Brasil – o que era mais freqüente – “inimigo da causa”.

“Manuel Pedro da Silva, mais conhecido por Manuel Pescada, era um português de uns cinqüenta anos, forte, vermelho e trabalhador. Diziam-no atilado para o comércio e amigo do Brasil. (...). Manuel que era já então negociante e tinha seu armazém na Praia Grande, mudou-se logo com a pequena para o sobrado da Rua da Estrela, em cujas lojas prosperava, havia dez anos, no comércio de fazendas por atacado”. (AZEVEDO, Aluísio. 1980, p. 46)

A distinção de “bom português” que é atribuída com freqüência ao personagem ao longo da narrativa, não o exime de atitudes racistas, que o tornam mais um agente das ações sórdidas perpetradas contra o protagonista, que a propósito era seu sobrinho.

“Comprou-o um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja de fazendas por atacado”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 17)

Em condição curiosamente simétrica a Manuel Pescada aparece este Miranda, n´*O Cortiço*: também português, comerciante bem sucedido no mesmo ramo, igualmente casado, pai de uma filha; este contudo num

matrimônio estabelecido pela indignidade dos cônjuges, aquele, por sua vez, viúvo. A propósito, ambas as esposas brasileiras, o que, se cotejado com o contexto histórico, foge de um padrão de endogamia que poderia parecer hegemônico, mas que só veio a se tornar efetivo a partir da segunda metade do séc XIX, quando começaram a imigrar mais mulheres e famílias inteiras.

É claro que a obra literária, mesmo a naturalista, não tem necessariamente que se sujeitar a qualquernexo de fidedignidade com o contexto histórico em que se projeta, a não ser aquele que compõe sua verossimilhança interna, contudo é instigante observar a relação dialética do autor com circunstâncias históricas: ao mesmo tempo que detectava tipos, tendências e circunstâncias sociais mais hegemônicas, as utilizava para a imobilidade dos estereótipos ou para generalização que inevitavelmente incorriam em distorções. No que concerne à formação da família de imigrantes portugueses é notável o fato de que apenas o casal Jerônimo e Piedade é formado por patrícios – há o caso periférico de D. Isabel, velha moradora do cortiço, da obra homônima, que era viúva de um rico comerciante português -; além dos supracitados, João Romão vincula-se à Bertoleza, ainda que almeje o casamento com Zulmira (luso descendente), também não há qualquer evidência de que D. Ângela (a “angelical” mãe de Amâncio, de *Casa de Pensão*), fosse portuguesa, mas casada com Vasconcelos, “português antigo e austero”. Curioso também é o desfile de pretendentes às donzelas Magda e Ana Rosa, personagens de *O Homem* e *O Mulato*, respectivamente, já que figuram entre eles tipos que intencionalmente a narrativa destaca como portugueses os quais, via de regra, recaem em um qualquer dos estereótipos

lusitanos, então em voga. No caso de Ana Rosa o padrão impõe-se como um desígnio ou estigma, ela, a despeito do amor natural por Raimundo, resigna-se ao casamento com Dias, sujeita às convenções e, sobretudo, repetindo o esquema da avó, com seus “escrúpulos de sangue” e da mãe ⁸, todas casadas com portugueses. Assim as inexoráveis engrenagens do sistema determinam seus ciclos repetitivos.

O caso de Miranda é repleto de especificidades, já que se trata de um burguês bem sucedido e com ótimo trânsito social, mas seu caráter é ceifado de sentimentos e aspirações condenáveis e imorais. Seu casamento, por exemplo, se deu por interesse financeiro e por ele é mantido a despeito da repulsa que vigora entre os cônjuges.

“Tinha inveja do outro, daquele outro português que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar

⁸ Note-se que as convenções sociais e o racismo imperam sobre Ana Rosa, que desobedece os conselhos que lhe dera a mãe de forma tão grave: “Lembras-te que o casamento deve ser sempre a consequência de duas inclinações irresistíveis. A gente deve casar porque ama, e não ter que amar porque casou”.⁸⁹ (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 48)

com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa!

Mas então, ele, Miranda, que se supunha a última expressão da ladinagem e da esperteza; ele, que, logo depois do seu casamento, respondendo para Portugal a um ex-colega que o felicitava, dissera que o Brasil era uma cavalgada carregada de dinheiro, cujas rédeas um homem fino empolgava facilmente “.(AZEVEDO, Aluísio. 1980 p. 26 e 27)”.

Mesmo encastelado no sobrado que materializa sua altivez social, a concretude da ostentação senhorial e o afã de um título nobiliárquico, a inveja que urde do vizinho João Romão acentuam-lhe a “ladinagem” e a ganância; “competências” em que disputava com o “outro”, ambos descritos como os exploradores das riquezas do Brasil, pecha freqüentemente projetada nos portugueses que desenvolviam atividades comerciais. A doentia e corrosiva inveja eram recíprocas: enquanto este invejava a capacidade do outro de adquirir riqueza, sua autonomia, o outro, em sua mesquinha sordidez, invejava destes seus modos de alta burguesia, seu ar senhorial, seu trânsito social e a “família constituída”.

“Travou-se então uma luta renhida e surda entre o português, negociante de fazendas por atacado, e o português, negociante de secos e molhados”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 21)

João Romão, por sua vez, se constitui num ser desumanizado, desprovido de qualquer senso de moralidade, regido exclusivamente por sua ambição patológica, ensimesmado na sua ânsia de riqueza, na sua obsessão por um título de nobreza. Constitui-se, portanto, na carnação e ossatura de vários estereótipos depreciativos de portugueses, que para ele convergem.

“Sempre em manga de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa de seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como

uma junta de bois, João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele todo os dias, ao cair da tarde, assentado um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 16 e 17)

Seu repugnante aspecto físico, sua rudeza no trato pessoal, sua usura e desonestidade o instituem como principal agente do vértice social em que se constitui o cortiço, há uma visceral identificação entre ambos: o cortiço e a concretude arquitetônica metonímica do seu dono. De fato, o *Cortiço* eleva-se, na narrativa, à condição de personagens, procedimento evidenciado por freqüentes personificações que lhe são projetadas, que se acentuam no capítulo 22, em que aquela “coletividade orgânica” determina o destino de seus componentes, como estigmas dos quais não podem fugir.

“A cadeia continuava e continuaria interminavelmente, o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 224)

João Romão constituiu-se numa ambigüidade da narrativa: é o maquiavélico articulador de quase todos os seus movimentos; contudo, é um personagem plano, regido exclusivamente por desejos primitivos, uma ganância voraz, uma lascividade torpe, um despojamento de civilidade e, sobretudo, a sua incapacidade de remorso, ou de qualquer sentimento que se projete no outro. E este ser abjeto é português, encarnando traços físicos e morais que se plasmaram em vários estereótipos de portugueses, materializando uma caricatura sintética de todos eles.

“Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria, as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que, no entanto, gostava imenso, vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular, de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 23)

CONCLUSÃO

Realizando-se o inventário de personagens portuguesas, nas condições estabelecidas por este trabalho, portanto, depreendem-se alguns índices bastante significativos, conquanto se faça a ressalva da relativização do texto literário como fonte de pesquisa histórica. Além do que, esta leitura não resulta da pretensão de confirmar por meio dos textos de Aluísio Azevedo, nem sequer pelos outros autores panoramicamente citados, um fenômeno social ou cultural qualquer; antes, se presta, tão somente a fixar as *representações literárias* das circunstâncias históricas do antilusitanismo. Sobretudo porque a tentadora expectativa de apreender uma verdade literária na verossimilhança supostamente almejada pelo autor e pelo próprio Naturalismo resulta vã, equívoca, já que se Aluísio Azevedo – e de resto a escola literária a que se filiava – “fotografava” um quadro social, fixando-lhe a superfície, as instâncias visíveis, também o caricaturava em função da perspectiva ideológica adotada. Assim, se os tipos são verossímeis, dotados de lastro histórico, suas representações são, via de regra, congeladas em tipos planos, restritos à imobilidade, sujeitas à hipertrofia de caracteres, enfim, tendem ao estereótipo e à generalização inevitavelmente deformadores.

As notações referentes aos imigrantes portugueses plasmam-se, sem privilégios, nesse elenco vasto e representativo atinente à realidade brasileira de então. Os “galegos”, “burros-sem-rabo”, as “matronas”, “os lascivos”, os “labregos” são de fato caricaturados, reduzidos a estereótipos, assinalados sob a marca, quase sempre depreciativa, de portugueses, à guisa de uma pecha. Contudo, os outros atores sociais – brasileiros, sobretudo, mas também

franceses e italianos – também foram condicionados à mesma perspectivação, manejados pela mesma articulação narrativa, fantoches dos mesmos determinismos, do mesmo atavismo, sujeitos a zoomorfizações análogas.

Os estereótipos brasileiros, nesse sentido, figuram, nas obras em questão, sujeitos à mesma lente impiedosa do ator. A distensão moral da mulher mestiça, ou indolência do homem brasileiro para o trabalho, as adúlteras esposas, Dona Estrela (*d’O Cortiço*) e Sra. D. Quitéria (*d’O Mulato*), ambas brasileiras, bem como o visceral racismo desta última e de D. Maria Bárbara (na mesma obra), constituem-se em exemplo da abrangência desse impiedoso olhar crítico, de que são exemplos, respectivamente:

“Ele tinha ‘paixa’ pela Rita, e ela, *apesar de volúvel, como toda a mestiça*, não podia esquecê-lo por uma vez.”
(AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 67)

E esta referência redutora e axiomática repete-se:

“Rita, volúvel como toda a mestiça, não guardava rancores (...).”(AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 199)

Ou ainda:

“O sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no Europeu o macho da raça superior”. (Aluísio Azevedo. s/data, p. 168)

e:

“Fivino, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, pernóstico, só de maçados, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. (...)”

Era oficial torneiro, oficial perito e vadio, ganhava uma semana para gastar num dia, às vezes, porém, os dados

ou as roletas multiplicavam-lhe o dinheiro, e então, ele fazia como naqueles últimos três meses: afogava-se numa boa pândega com a Rita Baiana.” (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p. 66) ⁹

⁹ Delineia-se aqui um estereótipo de *malandro carioca*, muito fixado no imaginário popular, o capoeira, pachola:

“Vestia, como de costume, um paletó de lustrina preta bastante usado, calças apertadas nos joelhos, mas tão largas nas bainhas que lhe engoliam os pezinhos secos e ligeiros. Não trazia gravata, nem colete, sim uma camisa de chita nova e ao pescoço, resguardando o colarinho, um lenço alvo e perfumado”. (AZEVEDO, Aluísio. S/data, p.)

Um tipo urbano, recorrentemente catalogado pela poesia e pelo cancionero populares. Observam-se, por exemplo, esses versos de Wilson Batista num dos sambas da célebre polêmica com Noel Rosa:

“meu chapéu de lado
 tamanco arrastando
 lenço no pescoço
 navalha no bolso
 eu passo gingando
 provocando desafios.” (CD – A Alegria Contínua, 1977)”.

Interessante ainda a este tema o registro feito por Alberto Mussa – erudito escritor – sobre o estereótipo ao malandro e a sua inserção no mito do sambista:

“A malandragem descrita no samba correspondia à imagem criada pelos velhos sambistas – que os fazia herdeiros do antigo estereótipo do ‘capoeira’ como aparece, por exemplo, em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, só que o ‘malandro’, para os sambistas, funcionava como um mito, não como um estereótipo, pois eram os valores a ele atribuídos que informavam a ideologia do samba”.(Enciclopédia da Brasilidade, p. 212)

As adúlteras:

“Dona Estrela era uma mulherzinha levada da breca; achava-se casada havia treze anos e durante esse tempo dera ao marido toda a sorte de desgostos. Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério.” (Azevedo, Aluísio. s/data, p. 17)

“(...) recebia em casamento Sra. D. Quitéria Inocência de Freitas Santiago, viúva, brasileira, rica, de muita religião e escrúpulos de sangue e para quem um escravo não era um homem, e o fato de não ser branco, constituía só por ser um crime (...)

Conteve a impaciência e esperou de ouvido alerta.

Não havia dúvidas! – A outra voz era de um homem! ...

Sem esperar mais nada meteu ombro à porta e, precipitou-se dentro do quarto, atirando-se com fúria contra a esposa, que perdera logo os sentidos.” (AZEVEDO, Aluísio. 1980, p. 74 e 75)”.

Note-se aqui o tom paradigmático que a narrativa projeta nestas personagens, “tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda”, o que justifica as simetrias que se revelam entre ambas: os “escrúpulos de sangue” que as fazem buscar portugueses para maridos, ou orgulham-se muito de ancestrais lusos, uma “*redentora*” religiosidade e um colérico racismo.¹⁰

¹⁰ A questão racial é enfaticamente presente em toda obra de Aluísio Azevedo, o que é previsível em função de sua filiação ao Naturalismo, entretanto é importante sublinhar a hierarquização exposta pelas narrativas na forma de representação de uma crença daquele senso comum.

“(...) Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português,

Neste vasto e polissêmico elenco de fantoches manejados por determinantes comportamentais fixos e previsíveis, subtraídos de humanidade que os individualizasse, intérpretes de papéis pré-determinados por suas condições sociais estanques, os portugueses representam, portanto, os gestos, atos, enunciações e aspirações que aquele imaginário era capaz de conceber para esta categoria de personagens. Assim os imigrantes tinham os seus registros literários condicionados pelos estereótipos em voga, como de resto ocorria com os outros atores sociais brasileiros das diferentes castas e regionalidades, ou mesmo os outros estrangeiros.

São, por exemplo, curiosíssimas as referências à condição social dos italianos, que aparecem eventualmente nos romances *O Cortiço* e *Casa de Pensão*, por darem conta de uma situação de acentuada inferioridade econômica. “Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o ‘Cabeça-de-gato’ e sendo substituídos por *gente mais limpa*”. (AZEVEDO Aluísio, s/data, p. 221).

cont.10

porque, *como toda a cafuza*, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procura *instintivamente o homem numa raça superior a sua*”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p.)

Observe-se aqui o tom categórico empregado com freqüência pelo narrador (“toda a cafuza”) firmando uma “lei”, uma espécie de condicionante das relações entre as “raças”, pela qual aquelas “inferiores” reivindicariam um processo de purificação ou eugenia. Este tema, por si só, justificaria outra dissertação a propósito do autor.

“Começaram a vir estudantes pobres (...) e as algibeiras muito cheias, mas só de versos e jornais, surgiram contínuos de repartições públicas, caixeiros de botequim, artistas de teatro, condutores de bondes, e vendedores de bilhetes de loteria. Do lado esquerdo, toda a parte em que havia varanda foi monopolizada *pelos italianos*, habitavam cinco a cinco, seis a seis no mesmo quarto, e notava-se que nesse ponto a estalagem estava já muito mais que suja nos outros”. (AZEVEDO, Aluísio, s/data, 203)

“Ao penetrarem no largo, uma menina italiana de alguns dez anos de idade, toda vestida de luto, morena, o ar suplicantemente risonho e cheio de miséria, abraçou-se às pernas de Amâncio, pedindo-lhe dinheiro – para levar à mãe que estava em casa morrendo de fome. (...)

- Não sejas tolo! – gritou-lhe o companheiro.
- Isto é especulação de algum vadio! Vestem por aí essas bichinhas de luto e mandam-nas perseguir a humanidade “. (AZEVEDO, Aluísio, 2000, p. 13 e 14)”.

Neste último excerto o personagem faz menção a uma prática de mendicância na forma de *modus operandi* associado aos italianos. Revela-se assim a xenofobia presente naquele imaginário, que se constitui um concorrente no escassíssimo mercado de trabalho da esfera urbana, que foi fixada literariamente pela intenção documental de Aluísio Azevedo.

Em meio ao processo de estereotipia em que eram concebidos os personagens naturalistas, as representações literárias dos imigrantes portugueses incorporam acepções pejorativas de caráter generalizante; como de resto, também são igualmente depreciativas as representações dos outros

“atores” da cena literária, quase sempre irrelevantes face a ênfase atribuída à coletividade em que estão inseridos, circunscritos a papéis previsíveis. Assim, ao considerarmos a fidedignidade de representação da realidade almejada pelo autor, ainda que relativizada pelas distorções e caricaturas próprias daquele projeto literário, constatamos a presença quase ubíqua do português, transitando por praticamente todas as instâncias sociais, sendo, em sua generalidade, contemplado por minuciosas notações literárias que, via de regra, davam curso ao antilusitanismo em voga.

A coletividade sobrepõe-se ao indivíduo, privilegia-se o padrão em detrimento da particularização, aí afloram os coletivos *O Cortiço*, *Casa de Pensão*, ou meros tipos como *O Mulato*, *O Homem* – construídos sob um caráter obviamente generalizante, em que os personagens, mesmo quando protagonistas como Raimundo em *O Mulato*, valem pela sua representação social, esvaziados de individualização -, enseja-se assim o romance de tese. Foi, portanto, na condição de componente privilegiado desta empreitada, que a presença portuguesa dissemina-se pelo real focalizado por parte do olhar autoral, pelo corte social, histórico e/ou cultural que o projeto romanesco adotou. Assim, se o cortiço eleva-se à condição de protagonista, personificado em sua composição orgânica que condiciona o comportamento daqueles que contém, e não o contrário, seu proprietário se coloca do outro lado do fio da marionete, é agente artiloso e “rafeiro” de sua ascensão social, ainda que por meios abjetos e amorais. Mesmo o cortiço rival também era um português – este “testa de ferro” de um grande proprietário para quem não pegaria bem aquela atividade - e sobretudo ¹¹, numerosas peças dessa coletividade, estes

subjugados, são imigrantes lusos, alguns dos quais degradam-se física, moral e psicologicamente por essa condição.

“Figura como seu dono um português que também tinha venda, mas o legítimo proprietário era um abastado conselheiro, homem de gravata lavada, a quem não convinha, por decoro social, aparecer em semelhante gênero de especulações”. (AZEVEDO, Aluísio. s/data, p.145)

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. *O Garatuja* (alfarrábios). São Paulo: Saraiva S.A., 1965.

ALMEIDA, Manuel Antonio. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1993.

AMADO, Janaína. *O Brasil no Império Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

AMADO, Jorge. *Farda, Fardão, Camisola de dormir: fábula para acender uma esperança*. 5. ed. Rio de Janeiro, 1980.

ARAGÃO, Rui. *Portugal: O desafio nacionalista. Psicologia e Identidade nacionais*. Lisboa: Editorial Teorema, 1985.

ASSIS, Machado de. *Obras completas*. V. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar S.A., 1986.

_____. *Memórias póstumas de Bras Cubas*. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1980.

_____. *Mattos, Malta ou Matta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Casa de Pensão*. 1. ed. São Paulo: Ed. Scipione, 2000.

_____. *O Homem: romance*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *O Cortiço*. São Paulo; Círculo do Livro, s/data.

AZEVEDO, Artur. *Contos Escolhidos*. São Paulo: O Globo/Klick Editora, 1997.

BAGANHA, Maria Joannis B. *Historiografia da emigração portuguesa para o Brasil*: algumas notas sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro. In: Brasil – Portugal, História, Agenda para o Milênio/José Idoson Arruda e Luiz Adão Fonseca (org.). Bauru, EDUSC, 2001.

BARRETO, Lima. *Histórias e Sonhos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Vida urbana, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. Um especialista. In: *Contos Reunidos*. Rio de Janeiro – Belo Horizonte: Ed. Garnier, 1990.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, Turismo e Esportes, departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.

BENCHIMOL, Jayme. O Rio se renova com o prefeito Bota-abixo e o general Mata-Mosquitos. E o povo se rebela. In: *Revista do Brasil*, n. 2, 1984, FUNARJ, Rio de Janeiro.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, s/data.

CD – A Alegria Contínua – Elton Medeiros, Mariana de Moraes e Zé Renato. MPB – Warner Music Brasil, Manaus, 1977.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1956.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos da teoria e história literária*. 7ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

_____. *O Albatroz e o Chinês*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

_____. *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CASTELO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500 – 1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CASTRO, Zília Ozório de. *Portugal/Brasil: Imagens Cruzadas dos Novos Estados*. In: *Brasil – Portugal: História, agenda para o milênio*/José Jobson Arruda e Luiz Adão da Fonseca (org.). Bauru, EDUSC, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade federal Fluminense, 1986.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis, para uma sociologia do dilema brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores S.A., 1983.

DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Maria Eduarda. Das identidades e contextos no espaço Luso-brasileiro: uma abordagem psicológica. In: *Relações Luso-Brasileiras. Revista Convergência Lusíada*, 20. Rio de Janeiro, Real Gabinete Portuguesa de Leitura, 2003.

DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Lisboa, 1781.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 23.Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1984.

_____. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

_____. *Novo Mundo nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Top Books Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2000.

História da Vida Privada do Brasil: Império. Coordenador geral da Coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. v. II. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1984.

HUE, Jorge de Souza. O encontro, o reconhecimento e o resgate da matriz portuguesa. In: *Enciclopédia da Brasilidade: auto-estima da matriz em verde e amarelo e amarelo*/Carlos Lessa, (org).

LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a História*. Viseu: Edições 70, 1986.

LIMA, Jorge de. *Poesia Completa*. Vol. I. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 5. ed. Lisboa: publicações Dom Quixote, Lda, 1992.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência brasileira*. 3. ed. I, São Paulo, 1978.
- MATTOSO, José. *O essencial sobre a formação da nacionalidade*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Origem, Formação e Aspectos da Cultura Brasileira*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1974.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *A invenção do Outro: os estrangeiros e a construção da Identidade Nacional na primeira república*. In: *(Syn)thesis, Cadernos do Centro de Ciências Sociais*. V.1, n.1, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.
- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Divisão de Música Popular*, 1983.
- MUSSA, Alberto. *Invenção Crioula – a imagem do negro na história do Samba*. In: *Enciclopédia da Brasilidade: auto-estima em verde e amarelo*/Carlos Lessa, (org). Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2005.
- NADALIN, Sérgio Odilon. *História das populações (Demografia Histórica), no âmbito do tema geral "Demografia, família, migrações"*. In: *Brasil – Portugal: História, agenda para o Milênio*/José Jobson Arruda e Luís Adão da Fonseca (org). Bauru, EDUSC, 2001.
- NESCHLING, John, CARNEIRO, Geraldo. CD Zezé Mota. Série dois momentos, dois álbuns em um CD. *Zezé Mota e Dengo*. Wea discos, 2000.

- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *A outra Nacionalidade: os portugueses no Brasil após a Independência (1822 – 1825)*. In: *(Syn)thesis, Cadernos do Centro de Ciências Sociais*. V.1, n. 1, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- PIERONI, Geraldo. *Vadios e Ciganos, heréticos e bruxas: os degredados do Brasil-colônia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: Fundação Biblioteca nacional, 2000.
- REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- REIS, Carlos. Enlaces e Desenlaces: Reflexões sobre a Dualidade e a pluralidade. In: Brasil e Portugal: 500 anos de Enlaces e Desenlaces. Convergência Lusíada. *Revista do Real Gabinete Português de Leitura*. V.2. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros. Livro I – Teoria do Brasil*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. Antes sem o pão que sem a pátria: o antiportuguesismo nos anos da década de 1920. In: Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces. Convergência Lusíada. *Revista do Real Gabinete Português de Leitura*. V. 2. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2001.
- RIO, João do. *A alma encantadora*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, 1987.

- _____. Descobrir Portugal, redescobrimo o Brasil. In: Brasil e Portugal, 500 anos de enlaces e desenlaces. Convergência Lusíada. *Revista do Real Gabinete Português de Leitura*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000.
- ROCHA, Gilberto. *Migrações, emigrações, retornos*. In: Brasil – Portugal: História, agenda para o Milênio/José Jobson Arruda e Luís Adão da Fonseca (org). Bauru, EDUSC, 2001.
- ROWLAND, Robert. Portugueses no Brasil independente: processos e representações. In: *Oceanos* (Revista). N. 44, 2000, cidade Lisboa.
- SCOOT, Ana Silvia Volpi. *Revista Oceanos*. N.44, Cidade Lisboa, 2000.
- SEIXO, Maria Alzira. Desencaminhadas – essa e outros (falências feministas em contexto pos-colonial). In: Brasil e Portugal, 500 anos de enlaces e desenlaces. Convergência Lusíada. *Revista do Real Gabinete Português de Leitura*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000.
- SIQUEIRA, Batista. *Origem do termo Samba*. São Paulo, IBRASA, Brasília, INL, 1978.
- SILVA, Teresa Cristina da. Transformar-se a memória em sensação, ou da ambígua paternidade. In. *Relações Luso-Brasileiras. Revista Convergência Lusíada, 20/*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 7.ed. Atualizada. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 14.ed. São Paulo: Difel, Difusão Editorial S.A., 1986.

- TINHORÃO, José Ramos. *Dança do Brasil. Cantar de Lisboa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1994.
- VALE, Flausino Rodrigues. *Elementos de Folclore Musical Brasileiro*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1978.
- VELHO, Gilberto. Antropologia das Sociedades complexas: continuidade e mudança no Brasil e em Portugal. In: Brasil e Portugal, 500 anos de enlaces e desenlaces. Convergência Lusíada. *Revista do Real Gabinete Português de Leitura*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. *A Imigração Portuguesa, 1822 – 1930*. In: Oceanos: Portugueses no Brasil Independente. n. 44. Lisboa: Comissão nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na “belle époque” carioca*. Rio Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)